

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



EXPRESSIVAMENTE MUSICAL

PRÉ-AMPLIFICADOR LEBEN RS28CX

E MAIS

TESTE DE ÁUDIO

PRÉ DE PHONO CAMBRIDGE AUDIO ALVA DUO

OPINIÃO

BRAÇOS DE TOCA-DISCOS - HERÓIS OU VILÕES?

DISCOS DO MÊS

JAZZ, POP-ROCK & JAZZ

PRIMEIRO TESTE MUNDIAL

CABO DE CAIXA APEX DA DYNAMIQUE AUDIO



PRECISÃO COM ALMA



Fundada em 1951, a NAGRA é a empresa suíça de áudio hi-end mais respeitada e admirada neste segmento. Seus produtos são feitos à mão, por profissionais altamente gabaritados e contruídos para durar por décadas. Ter um NAGRA é a realização de todos que amam ouvir música da melhor maneira possível. E AGORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR ESTE SONHO!!

NAGRA

Acesse o link e entenda a paixão mundial pela NAGRA.



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio
www.germanaudio.com.br

ÍNDICE



PRÉ-AMPLIFICADOR LEBEN RS28CX

64

EDITORIAL 4

Os sistemas que nos encantam

NOVIDADES 8

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 12

Novidades

OPINIÃO 14

Braços de toca-discos - heróis ou vilões?

PLAYLISTS 20

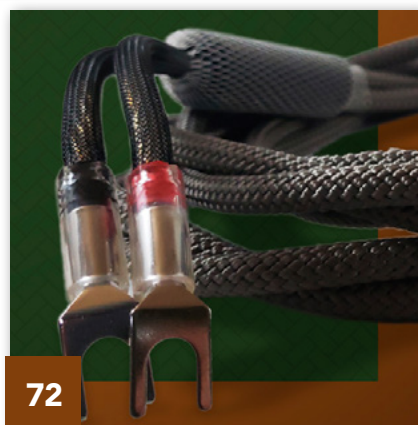
Playlists de outubro

DISCOS DO MÊS 28

Jazz, Pop-Rock & Jazz

AUDIOFONE 37

Volume 9



72



80



14

TESTES DE ÁUDIO

64

Pré-amplificador
Leben RS28CX

72

Cabo de caixa Apex
da Dynamique Audio

80

Pré de phono
Cambridge Audio Alva Duo

ESPAÇO ABERTO 86

O vinil não é para todos

VENDAS E TROCAS 88

Excelentes oportunidades
de negócios



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

OS SISTEMAS QUE NOS ENCANTAM

Todos nós certamente já tivemos a oportunidade de escutar um ou mais sistemas que nos encantaram, e alguns felizardos certamente adquiriram esses sistemas. Afinal, o que um sistema necessita ter para conseguir nos arrebatar do lugar comum para uma experiência que mudará definitivamente o rumo de nossa procura pelo sistema dos sonhos? Por experiência, diria que são um conjunto de detalhes e nunca algo isolado. Todos resumem essa busca em uma única palavra: musicalidade. E passamos grande parte da vida atrás desse “detalhe” que na nossa mente, quando o encontramos (se tivermos a sorte), reconheceremos instantaneamente e viveremos felizes para o resto de nossa existência, com nossos discos e nosso sistema tão desejado. Este é apenas um dos nossos primeiros enganos nesta longa trajetória, pois ainda cometeremos inúmeros se não entendermos que a “musicalidade” é um atributo que só existe se forem rigorosamente cumpridas todas as equações anteriores. E, ao listarmos todas essas etapas, certamente muitos desistirão e irão buscar outro hobby na vida (provavelmente mais barato e de menor dificuldade para ser alcançado). Um sistema que nos encanta é sempre a soma de inúmeros quesitos: o primeiro é o que determinará nossa obstinação em buscar o pote de ouro ao final do arco-íris, e chama-se “paixão pela música e não por equipamentos”. Sem essa base essencial, estaremos construindo apenas castelos de areia! Certifique-se então do quanto você realmente ama ouvir música, e o quanto ela é significativa em sua vida. Se ela for apenas um “passatempo” para seus momentos de solidão ou falta do que fazer de maior interesse, compre um bom fone de ouvido, um DAC de boa qualidade, assine Tidal ou outra plataforma de música, e não pense em gastar um centavo a mais. Agora, se a música tem importância vital na sua vida, a busca pelo sistema que reproduza seus discos de maneira que o emocione, e o tire da trivialidade do dia a dia, sua trajetória começou. Respire fundo, pois será uma jornada repleta de altos e baixos, derrotas e vitórias!

Primeiro Passo: aprender a confiar na sua audição. Para isso, é preciso treinar e treinar - ouvindo a maior quantidade possível de música ao vivo não amplificada, em salas com boa acústica, e saíra em casa de amigos, grupos de choro, amigos que toquem instrumentos de cordas, sopros, piano, etc. Quanto mais você se familiarizar com a sonoridade de cada um desses instrumentos, mais você estará exercitando sua memória auditiva de longo prazo, e maior facilidade irá ter em perceber as nuances das gravações que você aprecia, quando reproduzidas em vários sistemas.

Segundo Passo: nunca confie no ouvido do outro, por mais que você reconheça que este tenha muito mais rodagem do que você na busca do sistema perfeito.

Terceiro Passo: jamais perca tempo em se prender à um quesito da reprodução eletrônica como: palco sonoro, graves mais

enérgicos, agudos doces como veludo, etc. A música é a soma de todos esses quesitos, e se nos prendermos ao detalhe, acontecerá o maior erro que todos audiófilos cometem: expurgar grande parte de nossa discoteca, já que no sistema que elegemos como o ideal, muitas gravações não atingirão o padrão desejado e serão esquecidas em uma estante por anos. Essa obsessão ao extremo pode levar o audiófilo a acabar essa jornada com apenas uma dúzia de discos para ouvir! E creiam, isso é muito fácil de ocorrer - em minha vida deparei com muitos audiófilos que acabaram assim!

Quarto Passo: entenda detalhadamente o que significa cada quesito da reprodução eletrônica, pois não são mera “retórica” - cada um dos quesitos representa uma característica da música que, juntas, nos levarão a musicalidade tão desejada. Então desconhecer esses quesitos é o mesmo que acreditar ser possível ir à Lua olhando-a através de uma luneta. Ela continuará lá, e você aqui, para sempre até o final de sua existência.

Quinto Passo: sem uma elétrica dedicada e uma acústica decente para receber um sistema de áudio hi-end, estaremos jogando nosso tempo e dinheiro fora.

Sexto Passo: se todos os anteriores forem rigorosamente realizados, a chance de você encontrar o sistema que tanto deseja aumentará exponencialmente. Essa é a parte mais deliciosa e emocionante desta caminhada.

Pois nossa confiança agora é plena, pois sabemos no que erramos até o momento e agora iniciamos o processo de correção. A cada novo upgrade, perceberemos sólidas evoluções e um detalhe começa a nos chamar mais a atenção: nossos discos deixados ao ostracismo por anos a fio, começam a ser recuperados, um a um! E todos esses discos parecem terem sido “remixados” e estão sendo redescobertos com enorme emoção. Você nunca esteve tão perto da musicalidade, meu amigo, agora é manter a rota sem nenhum desvio, até que toda a sua discoteca seja inteiramente resgatada. Claro que existirão gravações tecnicamente tão limitadas que será preciso ter um cuidado extremo com o volume, mas nada que impeça de você ouvir aquele disco quando quiser.

Agora, não existe mais nada a buscar ou acrescentar, desfrute cada segundo, pois você realmente chegou lá! Ouvir um sistema que te encanta apenas pela sua musicalidade é o ápice da reprodução eletrônica, nada se compara a essa experiência. No dia que você tiver a sorte de ouvir um sistema assim, você saberá instantaneamente o que aqui relatei.

E que todos os nossos leitores cheguem lá!



Where Swiss Precision Meets Exquisite Refinement

CH Precision C1 Reference Digital to Analog Controller



A Ferrari Technologies orgulhosamente apresenta a mais nova referência mundial em eletrônica Hi-end. A Suíça **CH Precision**, mais uma marca *State of the Art* representada no Brasil.

“O C1 é, de longe, o melhor DAC ou componente que eu já experimentei no meu sistema. Não tem absolutamente “voz”. Um de seus atributos mais impressionantes é o ruído de fundo extremamente baixo. Em excelentes gravações, os instrumentos surgem ao vivo sem silvos ou anomalias. É absolutamente silencioso! O C1 “pega” qualquer coisa que você jogue nele. Eu ouvia música horas e horas e gostava de cada segundo. Isso me permitiu penetrar mais fundo nas nuances. É tão silencioso que a textura instrumental se tornou uma delícia. O C1 também se destaca em todos os outros parâmetros que você pode imaginar: separação de canais, dinâmica, recuperação de detalhes e apresentação geral.”

Ran Perry





TV QLED 8K SAMSUNG - insuperável em tecnologia e benefícios

O que podemos esperar de uma TV 8K? A Samsung, líder de mercado global em vendas de TVs há 14 anos e pioneira no lançamento da resolução 8K, oferece dois modelos 8K incríveis pertencentes à categoria QLED e já disponíveis no Brasil. A Q950T (75" e 85") e a Q800T (65", 75", e 82") com uma soma de novidades e inovações que irão aprimorar sua experiência de assistir TV, proporcionando uma imersão incrível em seus filmes e séries.

Imagem Insuperável

Descubra a melhor resolução disponível no mercado, com imagens perfeitas em 8K, com 33 milhões de pixels para reprodução de contornos mais nítidos, texturas mais detalhadas e maior profundidade. A linha 8K da Samsung é certificada pela 8K Association (8KA), instituto internacional composto por fabricantes de TV e por provedores de conteúdo, que juntos determinam padrões mínimos para que uma TV 8K ofereça qualidade máxima, compatível com esta incrível resolução.

Mas não para por aí - as TVs Samsung QLED 8K utilizam o revolucionário processador Quantum 8K, simplesmente o mais brilhante de todos os tempos, que usa Inteligência Artificial (IA) para proporcionar uma incrível experiência de visualização. A IA aperfeiçoa a

resolução de qualquer conteúdo HD, FHD ou até mesmo 4K para qualidade próxima de 8K, fazendo com que você aproveite todos os seus programas com muito mais realismo nas imagens. Além disso, o processador garante tanto a adaptação da tela da TV às condições de luminosidade do ambiente, quanto o aumento das vozes dos seus filmes e séries favoritos mediante a algum ruído em sua sala, como o acionamento de um aspirador de pó.

Por ser uma QLED, o painel tanto da Q950T quanto da Q800T possui a tecnologia de pontos quânticos que utiliza pequenos cristais para gerar cores mais puras, vibrantes e naturais, exibindo 100% do volume de cor, com brilho inigualável e contraste perfeito, graças a tecnologia Direct Full Array. É possível perceber todos os detalhes, até nas cenas mais escuras. Até os 10 anos de garantia contra o efeito burn-in fazem parte do pacote de benefícios destas telas em 8K, assim como todo televisor QLED da Samsung.

Seu painel possui frequência de 120 Hz nativo e 240 simulado, que se traduz em movimentos muito mais suaves e fluidos. Muitas outras telas na resolução 8K pelo mundo não desfrutam tamanha frequência, ocasionando eventualmente imagens com trepidações e rastros, especialmente em conteúdos com movimentos rápidos.

Imagem referência. A reprodução de materiais 8K é baseada nos padrões atuais de streaming, conectividade e decodificação de 8K. A reprodução de materiais 8K que demandem novos padrões pode exigir a compra adicional de um adaptador. A experiência pode variar de acordo com tipo e formato do conteúdo. IA Upscaling pode não ser aplicável à conexão com PC e certas condições do Modo Game. Direct Full Array 16x: Numeração do Direct Full Array é baseada nas tecnologias de retroiluminação, antirreflexo e aprimoramento de contraste. As QLEDs TVs receberam da mundialmente reconhecida associação de certificação e testes Verband Deutscher Elektrotechniker (VDE), o reconhecimento na capacidade de reproduzir 100% do volume de cor. As QLEDs TVs da Samsung são baseadas na tecnologia de pontos quânticos. HDR: 4000 nits é uma referência aproximada medida no pico máximo de brilho de uma imagem. Para a Q900R de 65" o pico máximo é de 3000 nits.

QLED 8K



Design inovador e futurista

Com design inovador e futurista, a Q950T é uma tela praticamente sem bordas, além de ser super fina! Apenas 1,5 cm de espessura. Outra solução exclusiva é a “única conexão”: apenas um fio liga a TV à energia e simultaneamente, à uma central de conexões externa que recebe os cabos HDMI dos seus dispositivos de Áudio e Vídeo, facilitando sua instalação e reduzindo os fios no ambiente. Tudo isso enquanto o suporte No-Gap (já incluso) faz a TV ficar rente à parede, como se fosse um quadro.

A Q800T, por sua vez, tem um design sem limites e uma solução exclusiva de canaletas que permite organizar os cabos e escondê-los na base da TV.

Mesmo desligada, a QLED 8K se integra à decoração com o Modo Ambiente 3.0, que substitui a tela preta da TV desligada por um dos 102 conteúdos decorativos pré-embarcados, e ainda permite reproduzir a textura da parede na tela.

Experiência de som imersiva

Na Samsung QLED 8K o som acompanha os objetos da cena. Desfrute de uma experiência sonora cinematográfica com alto-falantes espalhados pela tela que acompanham o movimento das cenas, como se você estivesse no meio da ação.

Uma grande novidade no áudio das TVs QLED 8K é a Sincronia Sonora. A TV e o Soundbar Samsung trabalham juntos para um som perfeito. Até agora, quando você ligava o soundbar, a função de som da TV era desativada automaticamente. No entanto, a Sincronia Sonora permite que a TV e o soundbar emanem som, simultaneamente. Como resultado, você pode experimentar um som mais rico do que nunca.

*A disponibilidade do recurso varia conforme o modelo.

*Este recurso requer Q-Symphony compatível com soundbar da Samsung.

Recursos Inovadores Samsung

Utilizando o Comando de voz e Múltiplos assistentes pessoais é possível escolher entre Bixby e Alexa, ambos integrados e em Português, para acessar seus aplicativos, mudar de canais, alterar o volume, obter respostas da TV e várias outras funções.

Tanto a Q800T quanto a Q950T tornam a casa inteligente graças ao Aplicativo SmartThings, que transforma sua TV na central de automação da casa, controlando os aparelhos inteligentes da Samsung e até crie programações de acordo com a sua rotina.

Dois novos e inovadores recursos de conectividade também estão disponíveis para as QLED 8K: Tap View e Multi-tela.

Com o Tap View é possível espelhar celular e TV com apenas 1 toque. Encoste seu Smartphone na TV e veja o conteúdo do seu celular automaticamente espelhado na tela grande para curtir fotos, vídeos e apresentações. O recurso Multi Tela, por sua vez, permite dividir a tela da TV em duas, o conteúdo que você está assistindo de um lado e a tela espelhada do seu smartphone em outro. Acesse vídeos, verifique estatísticas de esportes e muito mais enquanto assiste ao seu programa ou jogo favorito.

Modo Game

A QLED 8K combina os melhores recursos com inovações que otimizam a experiência de jogo, diminuindo o tempo de resposta e acionando funções extras que minimizam a quebra das imagens e otimizam a exposição de luz nas cenas mais escuras. O Dynamic Black Equalizer deixa as áreas escuras mais visíveis e otimiza a qualidade da imagem.

O Modo Game é acionado automaticamente ao ligar seu videogame, diminuindo o tempo de resposta. Além disso, para não sofrer com quebra das imagens durante o jogo, principalmente em movimentos mais rápidos, a tecnologia Freesync ajusta essa variação da taxa de atualização da tela, gerando maior precisão, ótimos resultados e travando menos.

www.samsung.com/br/tvs/qled-8k/

SAMSUNG



SAMSUNG THE FRAME: TV QUANDO LIGADA, ARTE QUANDO DESLIGADA



Filme mostra de maneira discreta e elegante como a The Frame combina com os ambientes.

O ano de 2020 marca a expansão da linha Lifestyle de TVs da Samsung. Além do recente lançamento da The Sero, a única a girar para a vertical, a marca também trouxe para o Brasil dois novos modelos da The Frame. Com molduras customizáveis e uma galeria fantástica de obras artísticas, a The Frame é uma TV quando ligada e é arte quando desligada. E são essas mensagens que são passadas na campanha produzida pela Samsung que foi ao ar no último 25 de setembro.

Os filmes, em versões de 15" e 30", mostram como a The Frame, com seu design de quadro, pode tornar os ambientes mais elegantes. Os usuários são apresentados aos vários tipos de molduras customizáveis que podem ser compradas separadamente e ao incrível Modo Arte, que é ativado para que a The Frame se torne uma obra de arte e eleve o nível de sofisticação dos ambientes.

As TVs já contam com um catálogo de pinturas e fotografias de experimentação e, depois, os usuários podem comprar obras a parte ou até mesmo assinar um plano mensal para aproveitar mais de 1200 conteúdos dos principais museus e galerias de arte do planeta. Isso envolve peças dos acervos do Museo del Prado, em Madrid, na Espanha, e da Galeria Albertina, em Viena, na Áustria.

"A The Frame foi apresentada ao público em 2017 e, desde então, conquistou seu espaço como um objeto único, que é completo e minimalista ao mesmo tempo. Ela é uma TV quando ligada, inclusive

com toda a qualidade QLED desenvolvida pela Samsung. E ela é arte quando desligada, apostando em um design elegante para intensificar o conjunto artístico: molduras customizáveis, discrição no suporte e na conexão única e iluminação de tela exclusiva. Todo esse cuidado é transmitido agora através de um filme que despertará o desejo pela classe que só a The Frame tem", afirma Patrícia Pessoa, Diretora de Marketing da Divisão de Consumer Electronics da Samsung Brasil.

A Samsung The Frame possui qualidade de imagem QLED, com tecnologia de Pontos Quânticos e dez anos de garantia contra o efeito burn-in, além é claro de recursos já conhecidos das TVs 2020 da Samsung, como múltiplos assistentes de voz e controle remoto único.

Nos filmes dedicados à The Frame - que podem ser vistos no canal da Samsung Brasil no YouTube - o foco serão os canais de TV por assinatura e as mídias digitais.

A The Frame pode ser comprada na loja online da Samsung, que preparou uma promoção especial para marcar o lançamento da campanha: quem comprar o modelo de 55" da The Frame leva junto uma das opções de moldura para deixar a TV ainda mais elegante. ■

Para mais informações:

Samsung

<https://shop.samsung.com.br/smart-tv-qled-4k-the-frame/>

AX R100

FM/AM STEREO RECEIVER

 CAMBRIDGE



Nova linha - O som do progresso

O amplificador mais poderoso da nova linha AX oferece excelente potência de 100 watts por canal, uma saída pré amplificada para subwoofer dedicada especialmente a melhorar os graves. Também possui dois conjuntos de saídas para loudspeakers (zona a & zona b). Com entradas analógicas, digitais e fono. Possui receptor FM / AM com RDS. Sua grande novidade está no bluetooth integrado que permite transmitir suas músicas favoritas de seu smartphone, tablet ou PC.

JBL BAR 9.1 TRUE WIRELESS SURROUND: A IMERSÃO EM SOUNDBARS



Nova soundbar da JBL entrega experiência de áudio 3D e resolução Ultra HD 4K para agradar os consumidores mais exigentes.

Experiência sonora imersiva, áudio 3D e resolução Ultra HD 4K com Dolby Vision: a JBL Bar 9.1 True Wireless Surround é a mais nova soundbar disponível no mercado nacional. O lançamento reúne a tradicional sofisticação do design da Harman, a alta qualidade do lendário som JBL e uma série de recursos avançados e tecnologias exclusivas da marca. A experiência de ouvir música ou assistir filmes, séries e esportes na televisão da sala de estar é elevada a um nível superior de imersão, potência e integração com dispositivos inteligentes.

Completando a robusta família de soundbars da linha Bar Series, a JBL Bar 9.1 oferece o avançado True Wireless Surround com Dolby Atmos e DTS:X para impressionar os consumidores, proporcionando uma experiência sonora 3D única no segmento de soundbars. Livre de fios, a barra de som, o subwoofer e as caixas surround trazem uma verdadeira sensação de estar na sala de cinema.

O subwoofer de 10" garante graves intensos e precisos. Além dos alto-falantes frontais da barra, ela ainda conta com dois alto-falantes posicionados para cima, capazes de refletir as ondas sonoras no teto e nas paredes para entregar ao espectador uma incomparável imersão sonora. Essas caixas de som destacáveis podem ser

colocadas em qualquer lugar, reproduzindo até 10 horas de som ininterrupto - e basta reconectá-las na soundbar para carregar a bateria novamente.

Para tornar a experiência ainda mais completa, a JBL Bar 9.1 conta Bluetooth 4.2, além Wi-fi, Chromecast e Airplay2 integrados, permitindo a transmissão de conteúdos online e músicas com total precisão e facilidade. É a imponente e renomada qualidade da JBL somada aos principais desejos de uma geração conectada e que preza por produtos exclusivos.

Além de agradar os apaixonados por som, a Harman coloca toda sua expertise nesta nova soundbar. A JBL Bar 9.1 foi desenvolvida com materiais de ponta e com detalhe nos acabamentos, se inserindo facilmente em qualquer ambiente por conta de seu visual metálico discreto e elegante. A ausência de fios entre a barra de som e o subwoofer ainda simplifica a instalação na sala e integração ao televisor.

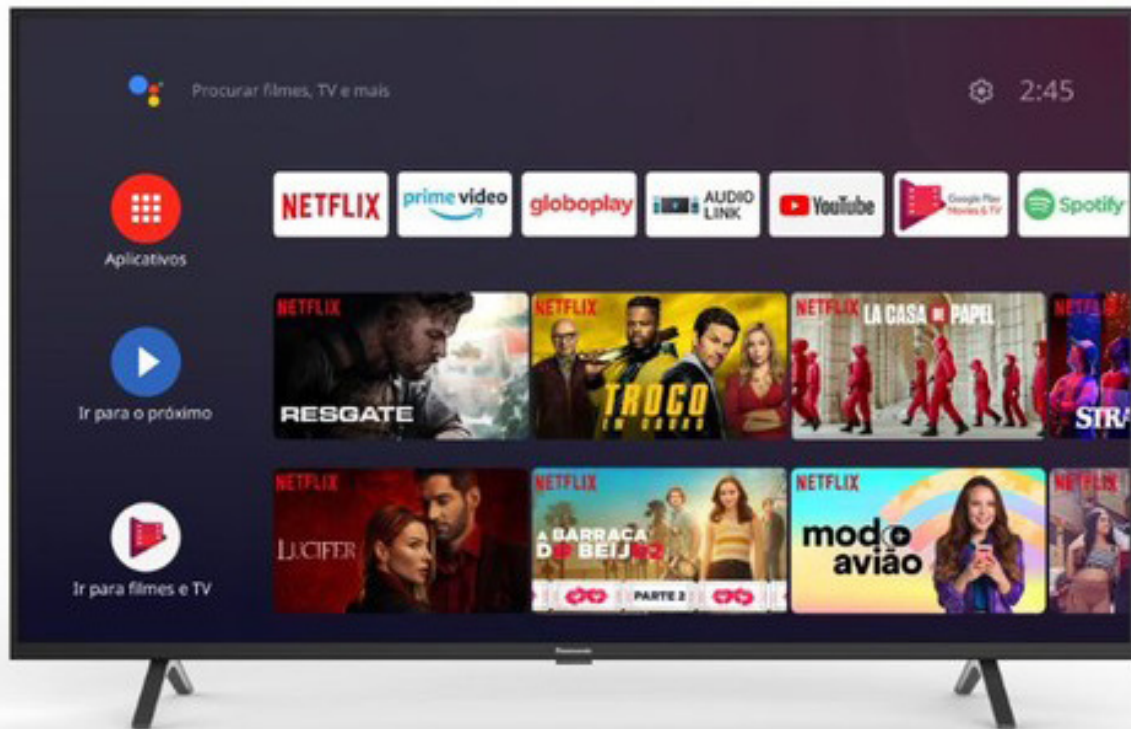
Preço sugerido: R\$ 6.999.

Para mais informações:

JBL

www.jbl.com.br/soundbars/JBL+BAR+9.1+TWS-.html

PANASONIC APRESENTA NOVA LINHA DE TELEVISORES



A Panasonic apresentou em Setembro a linha de TVs 2020, que chega para os brasileiros com Sistema Android TV e OK Google embutido em um mesmo produto, permitindo ao usuário a navegação por comando de voz. Por meio desse sistema, é possível abrir os aplicativos, assistir filmes e séries, mudar de canal e regular volume.

A grande variedade de conteúdo por streaming é outra novidade. Na busca por atender os consumidores em um período em que estão passando mais tempo em casa, e em que a TV tornou-se um dos principais itens de entretenimento para toda a família, o dispositivo traz os aplicativos Netflix, Amazon Prime Video, YouTube, Spotify e Globoplay, com um novo controle remoto com design mais moderno e ergonômico, com botões de fácil acesso aos principais conteúdos.

De acordo com a Kantar Ibope Media, o tempo total que cada pessoa passou assistindo TV nos últimos meses, diariamente, foi de 7h45, o que significa um aumento de 1h20 em relação ao início do ano. Há ainda o crescimento de 33% no acesso a streaming desde março, de acordo com a pesquisa.

“Buscamos entregar ao consumidor a melhor experiência de cinema associada à inteligência do sistema Android TV, oferecendo

mais diversão e conectividade em casa. O comportamento do consumidor mudou e estamos trazendo novas tecnologias Panasonic para atender às novas necessidades, como mostra esse lançamento”, afirma Fabio Campanha, Gerente de Produtos da Panasonic do Brasil.

Qualidade de cinema no sofá

Com alta resolução 4K e HDR10+, proporciona ainda mais definição de imagem e uma experiência imersiva única para quem assiste, aliado a função upscaling, tecnologia que permite a reprodução de uma resolução mais alta do que a original aproximando-se ao 4K. Há ainda a função Bluetooth Audio Link - pioneira da marca no Brasil - que conecta a experiência de áudio da TV, celular e caixa de som, permitindo ouvir músicas com alta qualidade e sem fios.

Disponíveis no ponto de venda a partir de outubro, a 55HX550B na versão 55 polegadas tem o preço sugerido de R\$ 3.699. Já a 50HX550B, com 50 polegadas, estará disponível por R\$ 3.199. ■

Para mais informações:

Panasonic

www.panasonic.com/br/consumidor/tv/viera-led/tc-55hx550b.html



HI-END PELO MUNDO



NOVA LINHA DE CAIXAS DIAMOND 12 DA WHARFEDALE

A célebre empresa inglesa de caixas acústicas Wharfedale anunciou a nova linha Diamond 12 - composta de três bookshelves, duas torres e um canal central. Além do novo visual, a empresa co-desenvolveu as caixas com a Fink Audio Consulting com o intuito declarado de espremer a melhor performance possível de uma linha de caixas 'de entrada', o que inclui o uso de um novo material composto leve e rígido, para os cones dos falantes, chamado de Klarity. Os acabamentos da linha Diamond 12 poderão ser: preto, branco, nogueira e carvalho claro, e os preços começam em US\$ 299 (para a bookshelf de entrada).

www.wharfedale.co.uk

INTEGRADO LUXMAN L-595A LIMITED EDITION

A japonesa Luxman anunciou o lançamento de uma versão do amplificador integrado L-595A Limited, de aniversário de 95 anos da empresa, trazendo de volta o visual icônico vintage da linha "L-570" da Luxman, lançada em 1989. A Edição Limitada será de apenas 300 peças, com preço estimado de 980,000 iênes, no Japão. O L-595A é um amplificador estado sólido puro Classe A, trazendo o circuito moderno ODNF-u da marca, e transistores Darlington em configuração paralela push-pull, provendo 30W em 8 Ohms e 60 W em 4 Ohms. O atenuador de volume de 88 estágios é o LECUA1000. O integrado L-595A já vem com pré de fono MM/MC.

www.luxman.com



PRÉ-AMPLIFICADOR LINEB DA KARAN ACOUSTICS

Em expansão à sua linha top, a Master Collection, o fabricante sérvio Karan Acoustics acaba de lançar um novo pré de linha. O modelo LINEb é fruto dos 30 anos de experiência de desenvolvimento do projetista Milan Karan, e tem o intuito da manutenção da pureza do sinal de linha no estágio de pré-amplificação, com a menor coloração possível, usando componentes da maior qualidade disponíveis no mercado. Com entradas balanceadas e RCA, o LINEb traz também um interruptor para o desligamento do aterramento. O preço do pré-amplificador de linha Karan LINEb é de 24.000 Euros, na Europa.

www.karanacoustics.com





INTEGRADO E DAC MOON ANNIVERSARY EDITION

A conhecida empresa canadense Moon Audio acaba de lançar seu sistema de aniversário de 40 anos: o DAC Streamer 680D e o amplificador integrado 600i v2 com parte de seu acabamento em vermelho millesime (incluindo o controle remoto) e em madeira, e acompanhando um set completo de cabos de alta qualidade. O 680D tem todas as capacidades de conversão PCM e DSD, além de conectividade Tidal e Qobuz, e Bluetooth aptX, sendo Roon-ready e MQA Certified. O 600i v2 traz fonte de alimentação dual-mono e entradas RCA e XLR, e provê 125 W por canal em 8 ohms (250 W em 4 Ohms). O preço do pacote Anniversary Edition é de US\$ 30.000, no hemisfério norte. ■

www.simaudio.com/en/

TOCA-DISCOS SME MODEL 6

Fabricante há muitas décadas de alguns dos melhores braços e toca-discos do mercado, a empresa inglesa de engenharia de precisão SME Ltd. acaba de lançar seu modelo mais acessível de toca-discos de vinil. O Model 6 é tracionado por correia (Belt-Drive), sendo alimentado por uma fonte estabilizada externa que também controla a troca de velocidades e seu ajuste fino. A base é feita de uma resina de alta densidade, e o isolamento do conjunto braço/prato é feito por uma suspensão de borracha de silicone. O Model 6, que vem equipado com a versão negra do braço M2-9, e vem sem cápsula, custa 5.995 Libras, no Reino Unido. ■

www.sme.co.uk



NAIM E FOCAL EM BENTLEY SPECIAL EDITION

Com tratamento visual de grife da marca automotiva britânica Bentley, a caixa Wireless ativa Mu-so 2nd Generation - da empresa inglesa Naim Audio - torna-se a Bentley Special Edition Wireless. E um novo fone de ouvido closed-back da francesa Focal torna-se o fone Bentley Radiance. Evocando o design, o requinte e o acabamento dos luxuosos carro da marca, os produtos Bentley Special Edition trazem uma bela etiqueta de preço: 1.799 Libras pela caixa wireless, e 1.199 Libras pelo fone de ouvido, no Reino Unido. ■

www.naimaudio.com

www.focal.com/us





BRAÇOS DE TOCA-DISCOS - HERÓIS OU VILÕES?

XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Escrever um opinião falando de cápsulas acessíveis há quem deseja se aventurar no universo analógico, e não fazer um outro artigo falando da importância dos braços, é como colocar na mesa os ingredientes para se fazer um prato sofisticado sem passar a receita.

Braço e cápsula são como Batman & Robin no mundo dos super-heróis, Tom & Jerry nos desenhos animados, ou Romeu & Julieta entre as sobremesas mais apreciadas na culinária mineira.

Então, para aqueles que não leram a matéria opinião do mês passado, mas mostraram interesse em ler esta, um lembrete: esqueçam por favor aquelas “vitrolas” vendidas na Amazon por R\$ 999,

feitas de plástico, com cápsula de cerâmica, que podem ser bonitas como decoração retrô, mas não servem para tocar discos. Por dois motivos: estragam os LPs e o som é abaixo de qualquer crítica.

Os braços, também chamados em inglês de “tonearms”, são tão fundamentais quanto as cápsulas. Então, sua escolha requer conhecimento e, acima de tudo, bom senso, pois o casamento entre a cápsula e o braço irá determinar o nível de performance que seu setup analógico poderá atingir - claro que teremos que levar em consideração a qualidade do material da base do toca-discos, precisão do motor e a qualidade do pré de phono, mas como diria o esquetejador: “Vamos por partes”!

O braço tem um papel chave, pois é ele que irá, acoplado à cápsula, determinar a rigidez com que esta é fixada, sua precisão, e ao mesmo tempo fazer a isolação das vibrações que o atrito da agulha no sulco do disco ocasiona. É um trabalho árduo e bem complexo, acreditem.

Há muito tempo já se sabe que uma boa cápsula, quando instalada em um bom braço, pode superar a performance de uma excelente cápsula em um braço apenas razoável. Isso não é bruxaria, é fato constatado em testes objetivos e subjetivos. Então, o casamento entre essa “dupla dinâmica” definirá o estágio final que seu setup analógico pode alcançar.

As novas gerações que se aventuram a conhecer o “som do vinil”, são bombardeadas por tanta informação desencontrada e errada, que conseguir chegar à outra margem é um desafio e tanto. Fala-se tanta bobagem e se proclama tantas falsas “verdades”, que o sujeito acaba desistindo de se aventurar por essas matas.

Se você tem espírito aventureiro e gosta de desafios, algumas dicas que podem fazê-lo desviar de muitos obstáculos: só invista em um bom toca-discos e cápsula se sua coleção tiver mais de 200 LPs bem conservados. Se for apenas um interesse passageiro, ou pelo fato de você ter herdado a coleção de um tio ou avô que estava morando na garagem ou no porão, avalie com critério se essa coleção ainda está em bom estado, ou se apenas tem um apelo sentimental. Caso os discos possam ser “resgatados” após uma excelente lavagem, e não estejam riscados à ponto de pularem ou danificarem a agulha, aí sim você pode seguir em frente.

Agora, sair do zero tendo que comprar LPs de 180 gramas ao valor do dólar, e ainda investir na construção de todo um setup analógico, esqueça! Pois irá gastar muito e ainda assim ter um resultado bastante questionável. Valará muito mais a pena investir em um upgrade no seu sistema melhorando o DAC, ou as caixas, cabeaço, elétrica e acústica.

Mas, suponhamos que você esteja com todas essas condições favoráveis: herdou 300 LPs em bom estado e discos que você sempre desejou ouvir novamente, e veio de lambuja um surrado toca-discos junto, aí meu amigo acho que o universo está querendo lhe dizer alguma coisa. Então, mãos à obra!

Primeiro passo: lavar todos os discos e separar os que estão em melhor estado de conservação dos que estão mais danificados.

Segundo passo: avaliar o nível de performance do toca-discos herdado e se ele está em bom funcionamento. Caso seja um toca-discos com problemas, ou mediano em termos de performance, esqueça! Venda-o e compre um toca-discos moderno e de melhor qualidade.

Terceiro passo: defina criteriosamente o quanto você deseja gastar, e lembre-se: a capacidade de extrair o melhor de cada gravação está na escolha correta do melhor braço e cápsula que seu orçamento puder adquirir.

Não existe milagre. Um braço mediano não irá tocar todo seu potencial com uma cápsula mais cara.

Se existe um componente de um sistema de áudio que o elo fraco é mais “escancarado” este é o analógico. Aqui tudo precisa estar milimetricamente ajustado e coerente, para que você, ao descer o braço no disco, possa experimentar o “efeito analógico” tão falado em verso e prosa pelos sessentões, e que para as novas gerações parece algo puramente saudosista e sem o menor sentido.

Sempre escuto dos mais jovens que eles até apreciam e percebem diferenças auditivas ao ouvir LPs comparados com o digital. Mas não suportam os “cliques & plocs” existentes nesta mídia, levando-os a desistir de continuar ouvindo. É perfeitamente natural essa observação vinda de uma geração que nasceu escutando digital - uma mídia onde o que mais sobressai é justamente o silêncio de fundo. Então a eles parece inconcebível que a música tenha ruído de fundo. Ainda que, em vários outros aspectos, o analógico se sobressaia, como no tamanho real dos instrumentos (corpo harmônico), na qualidade dos timbres (muito mais natural) e na qualidade das texturas (com uma gama de paletas infinitamente maior).

No Nível 4 do nosso Curso de Percepção Auditiva, dedicado ao tema (analógico e digital), ao chamar a atenção apresentando os mesmos discos nas duas mídias é que a “ficha cai” e os participantes notam sem esforço algum as diferenças tão evidentes. E muitos esquecem dos cliques & plocs, e se concentram em observar as diferenças e passam a entender e apreciar melhor o analógico. Como sempre digo, não há como entrar em um ambiente desconhecido sem saber o que estamos procurando ou qual o propósito de estar ali.

O que é preciso para se embrenhar por este caminho chamado analógico é que, ao contrário de um setup digital em que tudo já está previamente estabelecido e só precisamos sentar e apreciar nossa aquisição, o analógico necessita de escolhas perfeitas e coerentes, ajustes perfeitos, conservação frequente da mídia e manutenção e troca das agulhas das cápsulas em média a cada 1000 horas de uso.

Se todos esses requisitos forem cumpridos, o que você terá de resultado certamente o surpreenderá!

Existem braços de todos os materiais imagináveis, tamanhos e topologias. Temos braços de alumínio, fibra de carbono, metais exóticos, madeiras especiais - e tamanhos diferentes como 9 polegadas (os mais comuns), 9.5, 10, 10.5 e 12 polegadas. Temos projetos

OPINIÃO

de alguns fabricantes que desenvolveram seus braços tangenciais (para uma leitura do sulco do disco mais precisa). E cada um defende seu “peixe”, buscando mostrar que o trilhamento do seu braço é mais preciso.

O leigo ficará absolutamente perdido com tantas opções, e se não tiver “nervos de aço” irá desistir na primeira leitura ou conversa com alguém que realmente entende do assunto. Então, mais uma dica: ouça muitos sistemas analógicos antes de sair gastando seu suado dinheiro. Veja se realmente vale a pena para você todo o investimento e tempo na busca deste sonho. Pois sem encontrar um setup analógico que lhe encante, não vale a pena correr atrás de uma “quimera”.

Agora, se achar o “canto da sereia”, certifique-se que o setup que você escutou está dentro do seu orçamento. Pois do que adianta você ouvir um set analógico tocando magistralmente se este custa a sua casa, seu fígado e a poupança de sua velhice somados?

Então, uma das dúvidas mais recorrentes que escuto e respondo semanalmente: “consigo montar um bom sistema analógico gastando quanto?”. Pode colocar no mínimo 10 mil reais, para se montar um sistema analógico de alto nível. Claro que você pode até gastar a metade deste valor e ter um setup analógico, mas tenha a certeza que este sistema não permitirá nenhum tipo de upgrade consistente sem você ter que se desfazer do toca-discos inteiro e adquirir outro.

Lembre-se do que falei lá em cima: uma boa cápsula em um bom braço irá tocar melhor que uma excelente cápsula em um braço mediano. Este é o “gargalo”, o tão temível elo fraco. E toca-discos de 2000 reais estão repletos de elos fracos.

Começando Pelo Braço!



SME SERIES V

Não tem “almoço grátis”, nunca. Se você acredita que possa burlar essa máxima, você também acredita em Coelhoinho da Páscoa, duendes e unicórnios! Então, caso você escolha um toca-discos bom e bem barato, saiba que quando vier o desejo de um upgrade, este “bem barato” precisará ser trocado inteiro.

E não dê uma de esperto achando que aquela cápsula com uma agulha elíptica em substituição a que veio com o toca-discos irá

melhorar a performance de maneira significativa. Pois você estará trocando seis por meia dúzia, ou como diria meu pai: “Igual cachorro correndo atrás do rabo”!

Então, voltando ao valor acima mencionado, os 10 mil reais deverão ser gastos da seguinte maneira: 70% na compra do toca-discos e cápsula, e 30% na compra do pré de phono - caso seu amplificador não tenha este recurso. Agora se ele já tiver uma bom pré de phono, melhor ainda: os 10 mil reais poderão ser totalmente investidos no toca-discos & cápsula (a melhor situação possível).

Com este valor se você for um cara paciente e nada impulsivo, poderá realizar excelentes compras. Não descarte jamais os seminovos, pois às vezes achamos verdadeiras “pérolas”.



REGA RB 2000

Procure, entre os toca-discos novos, ouvir diferentes marcas e com braços e cápsulas diferentes, para você ter uma ideia clara da assinatura sônica de cada setup. Você irá se surpreender como toca-discos com a mesma cápsula, mas braços de construções distintas, podem soar tão diferentes (estou falando de toca-discos perfeitamente ajustados e com um pré de phono à altura deles).

Uma dica: para saber se um braço está devidamente ajustado, peça para ouvir as duas últimas faixas do disco. Se você sentir alguma leve distorção no canal esquerdo (ou diferenças de qualidade sonora entre as primeiras e as últimas faixas de um mesmo disco), saiba que o braço não está bem ajustado. Isso ocorre pela força tangencial exercer enorme força no braço, e provavelmente o anti-skating estar mal ajustado. Mas também pode ser problema da própria concepção do braço (o que é bem mais grave).

Outra característica de um braço limitado ou mal ajustado, é a falta de foco e recorte na apresentação estéreo. Se você sentir que instrumentos solistas ou vozes não estiverem bem focados, e “andem” entre as caixas com algumas gravações, não compre.

Outra dúvida constante dos audiófilos mais experientes, depois de muitos anos de upgrades em seu sistema analógico, é se vale a pena investir em um braço de 12 polegadas em comparação com um de 9, 9.5 ou 10 polegadas. Esta é uma discussão que já deu pano para fazer todas as batinas dos bispos residentes no vaticano. A minha resposta é idêntica à do meu pai: depende. Depende do ►



ORIGIN LIVE ENTERPRISE

nível do setup analógico e a certeza de que o braço de 12 polegadas seja em tudo melhor que o atual, e com um grau de compatibilidade com várias cápsulas tão bom ou melhor.

Eu sou fã de braços de 12 polegadas, e posso dizer que sempre os achei com muito mais vantagens que os braços de 9, no aspecto de leitura dos discos. O motivo disso é simples: maior precisão no ângulo de rastreamento por todo o disco, e a distorção de rastreamento é reduzida, tornando a apresentação da música mais

inteligível (principalmente na micro dinâmica). Os graves nos bons braços de 12 polegadas tendem a encorpar e ganhar mais fundamental, e o equilíbrio tonal se torna muito mais correto e agradável.

Os que defendem os braços de 9 polegadas concordam com essas melhorias, mas contra atacam afirmando que há uma ligeira perda na velocidade e no ataque dos transientes.

Minha experiência me diz que essa questão de velocidade depende do braço de 12, sua construção e principalmente o casamento e compatibilidade com a cápsula e o pré de phono.

Outra questão levantada pelos que defendem os braços de 9 polegadas, é que os braços de 12 por ter um comprimento de tubo maior, criam mais ressonância adicional, o que adultera o som. Faz todo o sentido essa afirmação - porém repito: existem braços e braços. Pois em um braço de 12 polegadas bem construído, a melhora do rastreamento pode superar em muito o efeito de ressonâncias - para não falar naqueles cujo bom projeto que já lida corretamente com essas ressonâncias.

O resultado auditivo quando o braço de 12 polegadas é bem feito, é uma melhora no equilíbrio tonal, proporcionando uma audição mais confortável e com zero de fadiga auditiva!



PSICOTERAPIA VINIL
REPRESENTANTE OFICIAL
PAGAMENTO EM 12x
FRETE INCLUSO
ENVIO IMEDIATO



PSICOTERAPIAVINIL.COM.BR

PSICOTERAPIAVINIL@GMAIL.COM

OPINIÃO

O que precisamos sempre levar em conta é: não existem fórmulas prontas ou verdades infinitas. Todos que estão começando esse desafio deveriam ser perdoados se imaginam que os braços podem ser diferentes apenas no uso dos materiais, conceito e design. São muito mais que isso: soam diferentes, brutalmente diferentes!



VPI JMW-10 3DR

E essa história não começou neste século, meu amigo. Ela remonta do tempo em que as únicas mídias que tínhamos à nossa disposição eram o vinil, o gravador de rolo, e a fita K7.

Meu pai sempre contava aos seus clientes um teste feito em uma revista inglesa, nos anos 70, em que uma cápsula de apenas 20 libras (se não me engano era uma AT-95SE da Audio Technica) soou em um teste auditivo com mais de 50 participantes, muito superior à uma cápsula de 500 libras! Dois do mesmo toca-discos, ambos ligados ao mesmo pré de phono e ao mesmo sistema. A diferença estava no braço de ambos toca-discos! O da cápsula de 20 libras era muito superior ao braço em que estava a cápsula de 500 libras!

Braço e cápsula não podem ser dissociadas jamais. Pois um depende completamente do outro.

Uma cápsula está constantemente medindo as ondulações e ranhuras do disco, bem abaixo de 1/1000 de milímetro. Se a superfície em que a cápsula está acoplada for instável, e se mover, a cápsula e a agulha serão drasticamente comprometidas.

Uma cápsula é capaz de amplificar as vibrações até 8000 vezes, e um bom braço precisa reduzir o máximo possível essas vibrações mecânicas. Ainda que não possamos ver essas vibrações, elas estão lá o tempo todo.

O tubo do braço definirá a performance final do que você está ouvindo, independente da cápsula e do resto do sistema. Se você bate em um tubo de metal oco, você o escutará ressoando, embora não haja movimento algum do tubo.

À medida que a agulha percorre os sulcos do disco, as acelerações e força dinâmica que a agulha experimenta são calculadas em até 8 toneladas por polegada quadrada, e a ponta da agulha se move para frente e para trás até 30 mil vezes por segundo! Consegue imaginar o grau de esforço neste atrito mecânico meu amigo?

O tubo de todo braço, independente do material utilizado, está sujeito a uma série contínua de ondas de choque, criando ondulações estruturais que afetam a estabilidade da cápsula e a posição correta da agulha para o rastreamento dos sulcos.

Todos os braços se movem, flexionam, ondulam, ressoam com o atrito físico da agulha com o disco (dos excepcionais aos piores). Esses movimentos são extremamente complexos e caóticos, e comprometem extremamente a leitura e inteligibilidade. Quando o tubo do braço não é bem construído, o som pode parecer monótono, confuso e sem vida.

Outros materiais utilizados nos tubos podem deixar o som áspero, com uma certa falta de inteligibilidade em todas as regiões. Como todo nicho de mercado que trabalha com tecnologia de ponta, existem diversas escolas e formas de atacar o problema das vibrações.



ORTOFON AS-309S

A maioria dos fabricantes de braços (principalmente os mais antigos), dizem que a melhor forma de driblar este enorme problema é absorver com materiais específicos a maior parte desta vibração. O problema é que cada cápsula e agulha terá um comportamento distinto neste quesito, o que resulta que, dependendo do grau de absorção do braço, este casamento pode ser catastrófico em termos sonoros! Braços pesadamente amortecidos podem até medir em laboratório muito bem, mas soarem secos e totalmente frios.

Geralmente esses braços também tendem a ceifar o decaimento das notas, deixando em um primeiro momento o som mais transparente, porém em algum momento podem causar fadiga auditiva (principalmente nas gravações tecnicamente ruins).

Então é muito comum que braços em testes de acelerômetro (que mede a quantidade de movimento do braço e as vibrações) sejam muito bons e, no entanto, em testes de audição não tenham um bom desempenho.



JELCO TK-950L MKII

E antes que os objetivistas joguem pragas em mim, há uma explicação “objetiva” para esta incoerência de resultados. Um esforço para aumentar a rigidez o caminho é utilizar tubos de maior diâmetro, o que os deixa rígidos e com boa performance em frequências muito baixas, mas sofrerão ondulações e vibrações ainda assim dentro do tubo, que irão se manifestar em regiões mais altas do espectro audível.

Outra questão mensurada é a transmissão de velocidade. Percebeu-se que quanto maior o amortecimento, mais lenta é a recuperação do “arranca e para” (transientes). Essas observações, feitas ao longo dos últimos 30 anos, levaram a uma outra corrente de pensamento: a de que o ideal para absorver energia é o material ter que vibrar. O problema é que esta nova abordagem possui também seus contratempos.

Afinal, se o material for mais mole, como uma espuma, ele perderá rigidez e trará outras consequências ao conjunto cápsula/braço, além da perda de transientes. E se for muito duro, ele reflete mais energia, o que consequentemente gera mais vibração.

Atualmente essa nova “escola” tem nas mãos diversos novos materiais, e cada fabricante de braço busca uma solução melhor para tão tortuoso problema. Os materiais mais utilizados na construção de braços são: titânio, cerâmica, alumínio, grafeno, fibra de carbono, materiais compostos, etc.

Se já não fosse um baita problema contornar movimento, energia e vibração, um braço tem um outro sério problema: contrapeso. À medida que a agulha percorre o disco, ela sofre ondas de choque que caminham pelo braço. E parte dessas vibrações são emitidas para o contrapeso, que fica na extremidade oposta do braço, e voltam de novo para o tubo do braço, podendo ir de novo para a cápsula, em um tsunami sem fim. Isso é catastrófico para o resultado sonoro.

O fato deste movimento de vibrações voltarem do contrapeso para o braço é devido sua massa móvel ser maior. O contrapeso é excitado em diversas ressonâncias pelo movimento do braço. E para contornar este grave problema, o contrapeso nos melhores braços precisa ser desacoplado, sem deixarem de fazer suas específicas e essenciais funções de manter o peso de rastreamento da agulha correto.

Nos braços mais modernos e sofisticados, a solução encontrada é fazer com que a extremidade do braço em que o contrapeso se encontra, atue como um amortecedor para ondas mecânicas que descem de volta do braço para a cápsula.

Outra abordagem mais recente é a de atacar as vibrações criando braços com uma ressonância e uma integridade estrutural muito baixa dentro do braço - indo ao contrário da “velha escola” (a mais seguida) que diz que a única maneira de minimizar a vibração incontornável é combinar a massa efetiva do braço com a compliância da agulha.

Outros problemas inerentes à uma boa performance de um braço consistem na escolha dos rolamentos para que o braço - devidamente ajustado - flutue sobre o disco, a qualidade da cabeção interna do braço que precisa ser de boa qualidade (ao menos cobre OFC), e a qualidade do headshell (seja ele fixo ou destacável): a parte no extremo do braço onde a cápsula é fixada.

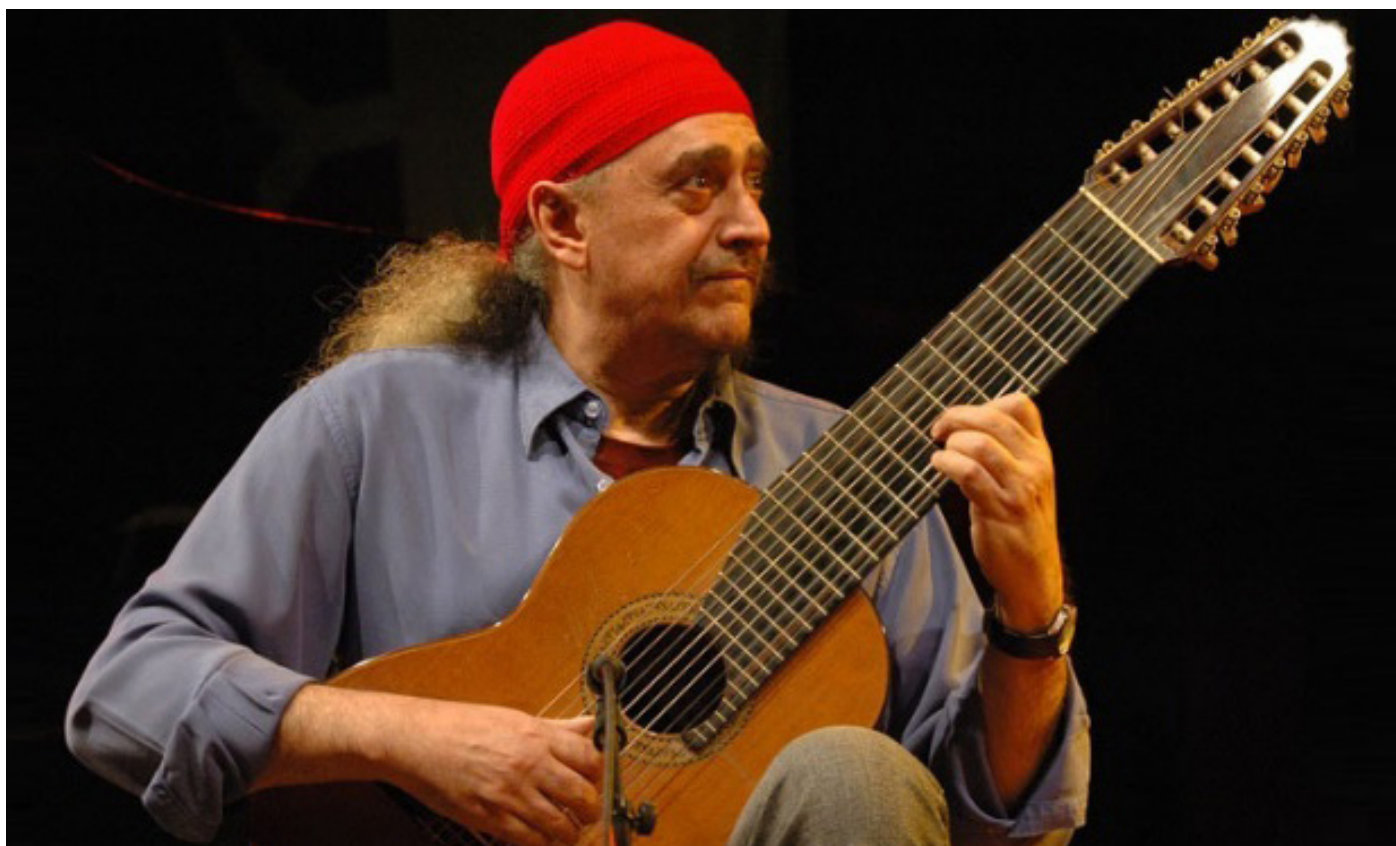
Se o leitor seguir essas orientações aqui passadas, e souber ser paciente antes de definir a compra, ouvindo, pesquisando e planejando se o toca-discos permite upgrades de braços e cápsulas, a chance de erro cairá drasticamente.

Este é o maior desafio que qualquer audiófilo pode enfrentar. Se feito corretamente, o prazer de escutar seus LPs será indescritível!

Vale a pena tanto esforço? Se feito passo a passo, e com a ajuda de quem realmente entende do riscado, certamente sim! ■



BERGMAN ODIN



Egberto Gismonti

PLAYLIST DE OUTUBRO

XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Recentemente um leitor me perguntou se eu não aprecio gravações nacionais, já que as cito pouco em minhas playlists. Surpreso com a pergunta, em um primeiro momento, lá fui eu ver se o leitor tinha razão e me deparei com uma quantidade mínima realmente de gravações nacionais. Ao contrário de minha discoteca, em que o acervo de música brasileira é bem significativo.

O problema é que sou muito seletivo e criterioso com qualquer gênero que eu aprecio, não dando nenhuma margem para discos que tenham apenas algumas faixas que goste ou que chame minha atenção.

Gosto de escutar todos os meus discos integralmente, detestando ter que levantar a cada duas ou três faixas para trocar de gravação. Esse ritual me acompanha desde a minha infância, quando nos reuníamos todos para os saraus familiares. Ninguém tocava um disco apenas para mostrar uma faixa. Fomos habituados a ouvir o disco completo, valorizando o músico e sua obra, e o artista. Na

juventude este ritual se consolidou, afinal queríamos, ao chegar em casa, degustar o disco inteiro. E aí que cometêssemos o “sacrilégio” de iniciar uma audição pelo lado B!

O que mais gosto ao relembrar daquela época era o interesse e respeito que todos tínhamos assim que a agulha tocava o vinil, um silêncio absoluto se instalava na sala, e se alguém iniciasse uma conversa era convidado a se retirar do recinto. As audições possuíam um tom solene de respeito, admiração e expectativas. Exercíamos o direito de ser melômanos na concepção mais literal possível.

Este mesmo comportamento se estendeu ao Teatro Municipal, nas tão inesquecíveis Sessões da Meia Noite, nas estreias de grandes nomes da Música Instrumental Brasileira.

São lembranças tão vívidas que sou capaz de rememorar até mesmo mais sutis detalhes, de tão embriagadoras que foram aquelas audições. Algumas foram muito impactantes, como a estreia do *Academia de Danças* do Egberto Gismonti, com o Teatro Municipal

lotado. Minha mais doce lembrança daquele dia foi quando, com o palco totalmente na penumbra, Gismonti começa a cantar “Quatro Cantos”: “Quando alguém falou de abandonar a casa, ela não sabia que era cedo demais: desapareceu sem que ninguém notasse, e escondeu todos os traços do fim da noite no lençol”. Esta introdução ainda ecoa na minha mente, e me transporta novamente para aquele exato momento, como se em um eterno retorno pudéssemos viver tudo aquilo novamente. Então, como não ouvir este LP de tempos e tempos, e apreciar essa obra integralmente?

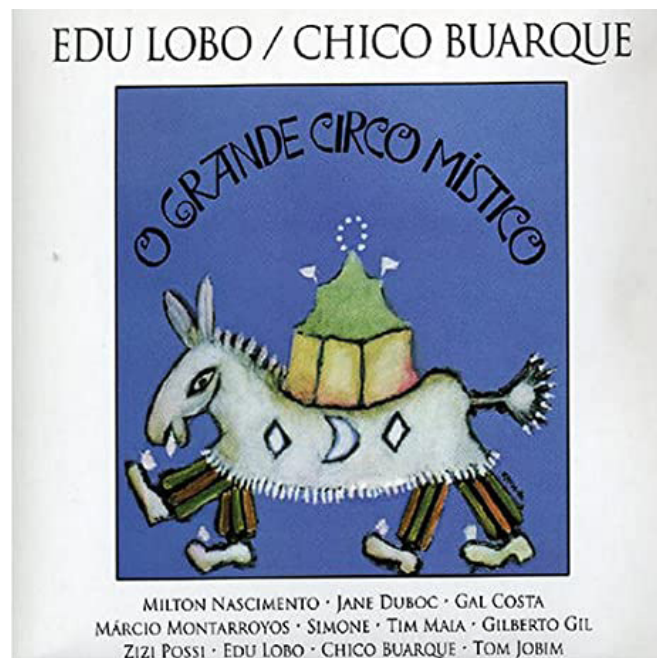
Este é um dos LPs nacionais que mais escutei em minha vida, tanto que é um dos raros discos que tenho duas cópias (a original da época e uma reedição lançada no fim dos anos 80). Ambas bem conservadas e que, quando eu me for, meus filhos certamente pensarão que o pai comprou este disco repetido! Se você não conhece este disco do Egberto, você está cometendo uma grande injustiça, pois é essencial para se conhecer a trajetória deste gênio da música brasileira de qualidade. A versão em CD não é tão boa como o LP, e o streaming só serve para conhecer a obra. Se a intenção é ouvir como ela foi concebida pelo compositor, ouça-a em vinil e, se possível, em um bom sistema. Os arranjos de cordas são excelentes, tudo soa com o corpo correto, belas texturas e um Egberto Gismonti no ápice de sua brilhante carreira!



◆◆◆ OUÇA ACADEMIA DE DANÇAS - EGBERTO GISMONTI, NO TIDAL.

🎵 OUÇA ACADEMIA DE DANÇAS - EGBERTO GISMONTI, NO SPOTIFY.

Quem foi na nossa sala nos últimos quatro Hi-End Shows, certamente lembrará da apresentação em vinil da música Beatriz com Milton Nascimento, do maravilhoso disco *O Grande Circo Místico*, de Edu Lobo & Chico Buarque. Este é outro disco que me acompanha desde o seu lançamento. Tenho o original com o belo encarte de oito páginas, e sempre que toco este LP as pessoas citam que não sabiam o quão bem gravado ele era. Sim meu amigo, este disco foi gravado com extremo cuidado e requinte. Talvez você não saiba, mas este foi o disco de estreia do Estúdio da Som Livre, montado no Rio de Janeiro. Dizem que as máquinas de gravação de 24 canais chegaram apenas duas semanas antes dos músicos entrarem no estúdio, e a masterização foi feita no Ocean Way Rec, em Los Angeles.



◆◆◆ OUÇA O GRANDE CIRCO MÍSTICO - EDU LOBO / CHICO BUARQUE, NO TIDAL.

🎵 OUÇA O GRANDE CIRCO MÍSTICO - EDU LOBO / CHICO BUARQUE, NO SPOTIFY.

Das gravações nacionais que conheço com letra, este é sem dúvida uma das grandes referências. Tudo soa com enorme inteligibilidade e conforto auditivo. Reverberações digitais na medida certa, sem ocasionar brilho e aquele incômodo de sibilância nas palavras com início em “S”. Os arranjos do mestre Edu Lobo e a arregimentação de Paschoal Perrota. No time de cantores e cantoras convidados temos: Milton Nascimento, Jane Duboc, Gal Costa, Simone, Gilberto Gil, Tim Maia, Zizi Possi, e Chico Buarque & Edu Lobo.

PLAYLISTS

Essa é uma daquelas obras atemporais, que nos acompanham por toda a nossa existência. A notícia ruim é que achar uma cópia em LP em bom estado é como ganhar na loteria. Então só resta a cópia em CD. A Som Livre alguns anos atrás lançou uma edição especial em que veio com um bônus: uma faixa adicional do Tom Jobim tocando *Beatriz* em seu próprio piano, gravado em sua sala de trabalho. Jobim, em uma de suas últimas entrevistas para o Caderno 2 do Estadão, foi perguntado qual obra que não era sua que gostaria de ter escrito? Uma das citadas era justamente *Beatriz*!

Outro detalhe desta edição em CD especial é que, segundo a Som Livre, a cópia foi feita da própria master original feita em Los Angeles. Tenho este CD, mas nunca comparei com um CD “normal” para saber se realmente soa melhor. E quando comparado com o LP, não dá para escutar o CD. Pois este soa com corpos bem menores, e as texturas são apenas uma sombra do que ouvimos no LP.



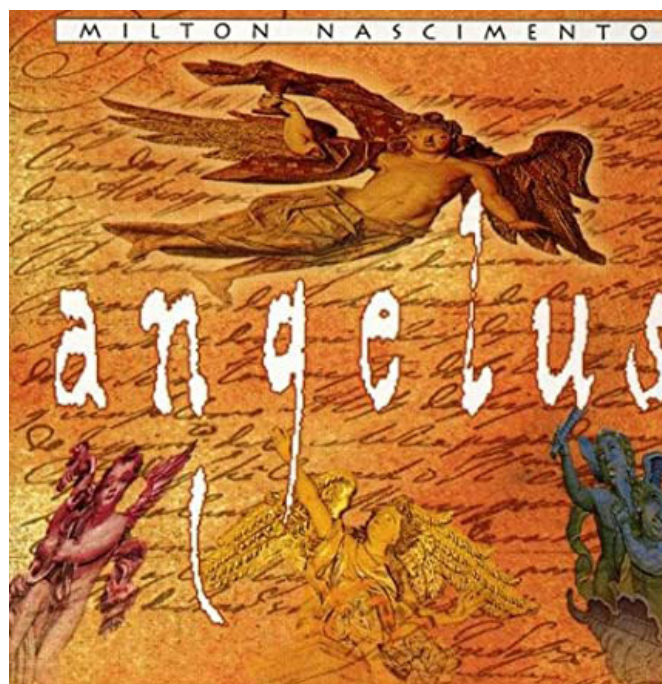
◆◆◆ OUÇA SÃO PAULO • BRASIL - CESAR MARIANO E CIA, NO TIDAL.

🎧 OUÇA SÃO PAULO • BRASIL - CESAR MARIANO E CIA, NO SPOTIFY.

Outro disco que tenho desde sua estreia, que ainda tem na contracapa o selo da loja Bruno Blois - com seu famoso telefone 223-7011, que decorei de tanto ligar no meio das semanas para saber com os vendedores se haviam novidades, e já pedir para separar os que chegavam com poucas cópias - é o disco de estreia do César Camargo Mariano & Cia - *São Paulo - Brasil*. Lançado pela

BMG Ariola, que acabara de se instalar no Brasil e estava fazendo um estrago no mercado roubando artistas da RCA, Philips e da Odeon. O grupo era formado pela mesma banda de apoio da Elis Regina, e que estava na estrada com ela apresentando o espetáculo Falso Brilhante: César nos teclados, Natan Marques na guitarra e violão, Crispin Del Cistia na guitarra e violão e teclados de apoio, Wilson Gomes no baixo, e Dudu Portes na bateria e percussão.

É um disco bastante conceitual, em que o César pode com total liberdade mostrar sua veia mais jazzística e eletrônica. É um disco para se escutar na íntegra pois ele funciona como trilha de um filme só com a música. Outro dia em visita, o André Maltese, vasculhando minha coleção de LPs (claro, rs), ao se deparar com este disco, arregalou os olhos e falou: “Você tem este LP, é item de colecionador!”. Não só tenho, como está em perfeito estado. Bem gravado, bem mixado e bem masterizado. Se o amigo achar em boas condições, não perca a chance, mesmo que você não seja um fã de nossa música instrumental.



◆◆◆ OUÇA ANGELUS - MILTON NASCIMENTO, NO TIDAL.

🎧 OUÇA ANGELUS - MILTON NASCIMENTO, NO SPOTIFY.

Outro LP que o Maltese viu neste mesmo dia, e saltou aos olhos, foi o *Angelus* do Milton Nascimento, duplo. Eu não sabia que este LP também é de colecionador por ter sido prensado em LP apenas aqui no Brasil! O motivo? A quantidade de lares com CD-Player na época ►

do seu lançamento era muito pequena aqui. Então o departamento comercial da Warner achou melhor lançar no velho formato para garantir uma maior receita. Tenho em ambas as mídias: não dá para comparar. Utilizo muito este disco no Curso de Percepção Auditiva quando falamos de digital versus analógico.

Utilizo a faixa *Clube da Esquina nº 2*. O arranjo é primoroso (e a letra nem se fala). Coloco primeiramente o CD e as pessoas escutam hipnotizadas, podendo ouvir até alguns suspiros ao final. Ai coloco o LP, e a sala quase vem abaixo assim que a potente voz de Milton inicia! Peço para as pessoas segurarem seus comentários para o final. A primeira coisa que os participantes citam é o tamanho da voz do Milton e a presença física dele, materializado à nossa frente. Depois, os mais familiarizados com os quesitos da nossa Metodologia, citam as texturas, os degraus da dinâmica e o conforto auditivo e naturalidade que o LP tem, e que falta no CD.

O incrível é como consegui este LP, e outros como o *So*, do Peter Gabriel. Estava em um sábado de 1995, andando na Rua Sete de Abril, e ouço alguém me chamar. Paro, procuro ver de onde vinha o chamado, e vejo um rosto conhecido sorrindo e vindo em minha direção. Era o Clóvis, um dos melhores vendedores da Brenno Rossi, que trabalhou tanto tempo que se tornou supervisor. Pois ele,

naquele exato dia, estava separando o estoque de uma loja de discos que tinha ido à falência e, por algum motivo que não me lembro, seria comercializado em um saldão. Sabendo do meu interesse por música, me convidou em primeira mão a olhar o estoque e escolher o que eu quisesse. Não tinha muita coisa de meu interesse - lembro de apenas três discos que me chamaram a atenção: o *Angelus* do Milton, o *So* do Peter Gabriel, e um disco do Paulinho da Viola. Tinha muito Roberto Carlos, Ray Conniff, Wando, etc. Peguei, paguei, e segui meu caminho, e estes três LPs estão comigo até hoje!

O último dessa Playlist é o encantador *Slow Food* do grupo Nouvelle Cuisine, segundo disco do grupo, lançado pela Warner e ainda hoje um disco de referência, tanto em termos de repertório como de qualidade técnica de gravação. Ainda hoje, quando escuto esse disco, coço a cabeça me perguntando como o cantor Carlos Fernando pode cantar tão bem sendo que antes de entrar para o Nouvelle jamais havia cantado? Quando apresento este disco para pessoas que não conhecem este grupo, e conto a história deste vocalista, as pessoas ficam surpresas (e muitas provavelmente devem duvidar do que estou afirmando). Mas é real! O Nouvelle estava procurando um cantor, e havia escutado alguns, e nada se encaixava na proposta. Queriam um cantor sem cacoetes e "autêntico". Até ►

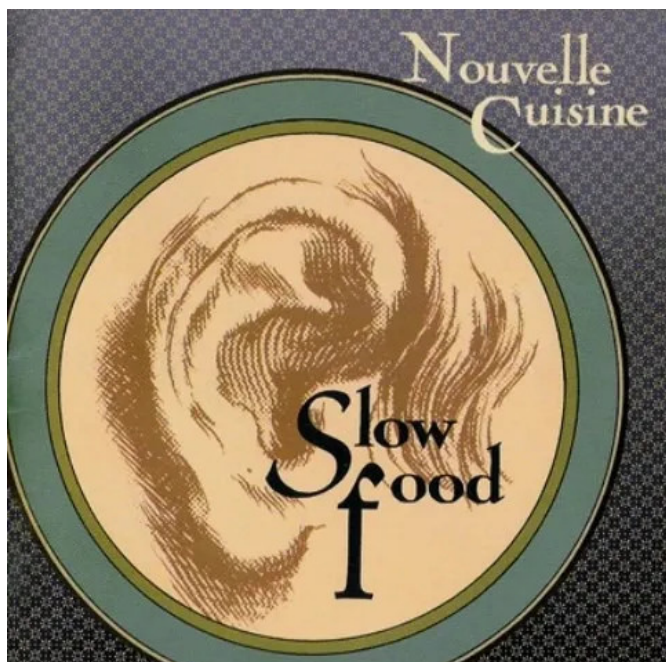


PSICOTERAPIA
VINIL

LPs LACRADOS - DIRETO DA FÁBRICA
MAIS DE 1500 TÍTULOS EM ESTOQUE
SÃO MAIS DE 5000 LPs
COM DESCONTO PROGRESSIVO
PSICOTERAPIAVINIL.COM.BR

A MAIS COMPLETA LOJA ONLINE DE LPs LACRADOS DO BRASIL - PSICOTERAPIAVINIL@GMAIL.COM
SÃO PAULO, SP

PLAYLISTS



▶ OUÇA SLOW FOOD - NOUVELLE CUISINE,
NO YOUTUBE.

que aparece um arquiteto, que jamais havia cantado, e se apresenta para um ensaio. Todos ficaram impressionados com a sua facilidade em cantar, como se tivesse feito aquilo por toda a sua vida.

A produção do disco é do Oscar Castro Neves. Na contracapa vem a explicação de “*Slow Food*”: trata-se de um movimento surgido na Itália em defesa do direito ao prazer na alimentação. E que reivindica uma melhora geral na qualidade de vida, e a satisfação dos sentidos.

O genial do Nouvelle Cuisine é que as suas obras são colagens de grandes standards misturados às suas composições, fazendo-nos viajar por estradas e paisagens sonoras de extremo bom gosto estético musical. Wynton Marsalis, em uma das primeiras vezes que veio ao Brasil para um festival de jazz, estava nos bastidores se preparando para entrar depois da apresentação do grupo, e ouviu os primeiros acordes e a voz poderosa do Carlos Fernando na introdução de *Angel Eyes*. Ficou paralisado na coxa, assistindo ao quinteto e, ao final da apresentação, fez questão de cumprimentar todos e mostrar sua mais profunda admiração pelo que havia acabado de escutar.

Felizmente a mídia CD está muito bem gravada, então se você não conhece essa obra, mas deseja, sua chance de obter a mídia física deste disco é alta.

Espero que algum desses discos entrem nas suas playlists, e possam tornar esses dias tão cinzentos em algo mais nobre, singelo e emocionante.

Se cuidem. E até o próximo mês!



PLAYLIST DE ROBERTO DINIZ

- ◆◆ 01 - CHANTS, HYMNS AND DANCES - ANJA LECHNER & VASSILIS TSABROPOULOS
- ◆◆ 02 - PERCEPTUAL - BRIAN BLADE FELLOWSHIP
- ◆◆ 03 - CABO VERDE - CESARIA EVORA
- ◆◆ 04 - BAJA SESSIONS - CHRIS ISAAK
- ◆◆ 05 - AMERICAN BEAUTY - GRATEFUL DEAD
- ◆◆ 06 - KIKO AND THE LAVENDER MOON - LOS LOBOS
- ◆◆ 07 - PARADISE AND LUNCH - RY COODER
- ◆◆ 08 - NASHVILLE - SOLOMON BURKE
- 09 - NOUVELLES CORDES ANCIENNES - TOUMANI DIABATÉ / BALLAKÉ SISSOKO
- ◆◆ 10 - VICTOR DEMÉ - VICTOR DEMÉ



Murasakino
Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
“Um conforto exuberante”



TD 203



3XL

ESTADO
DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD
the closest approach to the original sound

STEREOPHILE CABLE CATALAN
ACROLINK®

**FLUX
HIFI**

JELCO
MADE IN TOKYO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

PLAYLISTS



PLAYLIST DE JUNIOR MESQUITA

- 01- CREEP - KINA GRANNIS
- 02- I PUT A SPELL ON YOU - CHANTAL CHAMBERLAND
- 03 - GILLESPIANA SUITE - LALO SCHIFRIN
- 04 - JUST A LITTLE LOVIN' - SHELBY LYNNE
- 05 - ITALIA - CHRIS BOTTI
- 06 - THE ESSENTIALS RUTH BROWN - RUTH BROWN
- 07 - THE ART OF PIANO - JESSICA WILLIAMS
- 08 - LIBERTY - ANETTE ASKVIK
- 09 - REQUIEM FIVE ANTHEMS - JOHN RUTTER - TURTLE CREEK CHORALE
- 10 - LISTEN TO THE DAWN - FRANK MORGAN



PLAYLIST DE JEAN ROTHMAN

- 01- LOVE - THE BEATLES
- 02- OLYMPIA 81 - YVES MONTAND
- 03 - GREATEST HITS VOLUME I & VOLUME II - BILLY JOEL
- 04 - THE PLATINUM COLLECTION (2011 REMASTER) - QUEEN
- 05 - BACH & VIVALDI: CONCERTI FOR 2 VIOLINS - ISAAC STERN / PINCHAS ZUKERMAN
- 06 - THE ESSENTIAL ALAN PARSONS PROJECT - ALAN PARSONS PROJECT
- 07 - ABBEY ROAD (SUPER DELUXE EDITION) - THE BEATLES
- 08 - THE DEFINITIVE CROCE - JIM CROCE
- 09 - THE ESSENTIAL ELECTRIC LIGHT ORCHESTRA - ELECTRIC LIGHT ORCHESTRA
- 10 - THE TRAVELING WILBURYS, VOL. 1 (REMASTERED) - TRAVELLING WILBURYS



PLAYLIST DE WILSON CARUSO JUNIOR

- ❖ 01 - MEANING TO TELL YA - MOLLY JOHNSON
- ❖ 02 - MY SOUL KITCHEN - IDA SAND
- ❖ 03 - THE BEST (REMINISCENT 10TH ANNIVERSARY) - YIRUMA
- ❖ 04 - CALLING ALL DAWNS - CHRISTOPHER TIN
- ❖ 05 - THE ESSENTIAL MICHAEL BOLTON - MICHAEL BOLTON
- ❖ 06 - ALWAYS IN BETWEEN - JESS GLYNNE
- ❖ 07 - APOLOGIA - APOLO
- ❖ 08 - IRON MAN 2 - AC/DC
- ❖ 09 - INDIGO - KANDACE SPRINGS
- ❖ 10 - RISE - VOICES OF SERVICE

Sua experiência é o nosso melhor argumento!



**Feel
Different**

@feeldifferent.com.br

(21) 99143.4227 (Júnior Mesquita)



JAZZ, POP-ROCK & JAZZ

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Nosso benfazejo e galhardo editor, Fernando Andrette, costuma dizer que se dedica à ouvir discos inteiros, em vez de uma ou outra faixa. Eu sou um pouco mais fraco, tendo discos de 10 faixas das quais eu gosto de apenas umas duas ou três. E, por ter caído de cabeça no streaming, tenho uma enorme coleção de faixas 'órfãs', que me agradaram profundamente, tiradas de discos cujo o resto do conteúdo não me agradou nem um pouco.

Quem sabe, em algum futuro próximo, eu escreva uma coluna chamada 'Faixas do Mês', que será publicada mensalmente na revista do 'Clube do Audiófilo Homeopático', hehehe... Enquanto isso, faz-se necessário um certo trabalho para definir quais serão os Discos do Mês, de cada mês. E, sim, eu já estou chegando no nível de senilidade de ir consultar se eu já não fiz a resenha de algum disco específico aqui na coluna - é ou isso, ou começar a escrever e ter uma sensação fortíssima de deja-vu, rs! Mas, falando sério: não, ainda não está rolando esse problema, ainda estou pleno das faculdades mentais, e não estou saindo na rua de pijama - ainda.

Acho que o gênero musical com menos variedade de discos bem gravados é o rock/pop. É fato! Jazz vem em primeiro lugar quando se fala em qualidade de gravação, com o clássico, penso eu, meio empatado em em segundo lugar com vários gêneros que podem ser definidos como 'world music', música étnica, etc. Na sequência, bem antes do rock/pop, virá o folk - acredito que por sua natureza mais acústica. Sim, é fato que música acústica tem a característica de nos prover gravações de maior qualidade, por princípio, afinal são instrumentos reais, ricos em harmônicos e texturas, que os elétricos e eletrônicos só conseguem é imitar.

Porém, não entendam que não seja possível fazer - ou que não existam - gravações fenomenais a partir de instrumentos elétricos e eletrônicos: muitas gravações já expostas aqui neste espaço possuem uma profusão desses instrumentos.

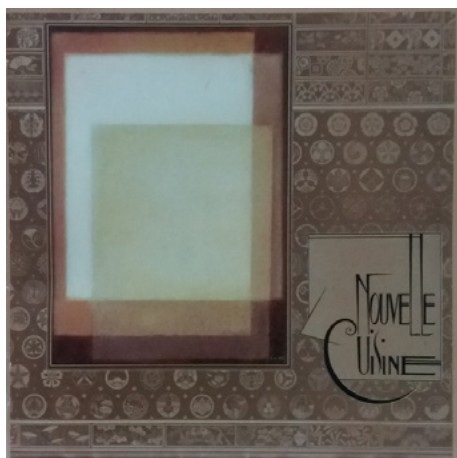
Gravações bem feitas, de instrumentos acústicos, ainda são as melhores, também, para avaliações de sistemas e equipamentos de som. Não que o audiófilo/melômano irá ficar avaliando seu sistema ►

DISCOS DO MÊS

ou algum componente dele o tempo todo, mas estamos sempre fazendo modificações e adições, mesmo de acessórios, cabos ou tweaks - que muitas vezes demandam ajustes finos no sistema - e a extensão desses ajustes, a extensão do impacto de cada tweak ou acessório ou componente, sempre será corretamente avaliada só com gravações acústicas. E depois, musicalmente a maioria dessas gravações acústicas são maravilhosas - ou seja, é um prazer enorme ouvi-las mesmo sem compromisso avaliador algum.

No episódio de hoje temos: um grupo de jazz brasileiro tocando standards com bom gosto e qualidade. Temos um pop-rock extremamente bem elaborado, arranjado e tocado. E temos também um trompetista japonês de longa carreira no jazz moderno internacional.

Vamos à eles:



Nouvelle Cuisine (WEA, 1988)

Confesso que, na época que saiu esse primeiro disco do grupo paulistano de jazz Nouvelle Cuisine, eu não ouvia praticamente nada de jazz - a não ser um ocasional disco de piano solo do Chick Corea. Eu era fã de rock/pop mesmo e música clássica - e trabalhava em uma loja de discos. Travei conhecimento com a existência do álbum e do grupo - assim como conhecia de nome pelo menos o percussionista Guga Stroeter, que era membro fundador da Orquestra Heartbreakers. E, claro, admirei sempre a arte da capa desse disco, sua linguagem visual e apresentação - mas isso faz parte de um gosto pessoal eterno meu pelo Art Deco.

Fora isso, meu contato com o Nouvelle Cuisine foi muito posterior: mais de 10 anos depois, quando além de eu já estar em uma fase onde eu ouvia muito mais jazz, nasceu também meu interesse no consumo de vinil. Eu já tinha passado pelo período de ouvir quase só CD, e tinha voltado a me interessar pelo toca-discos de vinil e passado a comprar LPs mensalmente. O cenário nessa época era até bem interessante: os comerciantes que insistiram em continuar no mercado de vinil, estavam fazendo ainda preços bem bons para

a maior parte do acervo. A disponibilidade não era tão grande, o estado dos discos era bastante ruim em sua maioria (necessitando no mínimo de uma limpeza especializada) e o garimpo era, portanto, uma das atividades mais interessantes, principalmente para quem tivesse discernimento e experiência. Em um desses dias de garimpo, claro, um dos discos que adquiri foi esse primeiro LP do Nouvelle Cuisine, encantador musicalmente e de excelente gravação - tanto que cheguei a tocar em sistemas de clientes e amigos, ao longo dos anos, e sempre me perguntavam imediatamente: "Nossa! Que disco é esse?!".

O nome "Nouvelle Cuisine (Française)" é de um movimento da Nova Cozinha Francesa, da Alta Cozinha, iniciado na década de 1970, que trouxe leveza aos pratos e cuidado quase artístico na apresentação dos mesmos, sendo enorme a sua influência na gastronomia mundial. Apropriado, e interessante, que o disco seguinte do grupo se chamasse *Slow Food* - outro nome de um movimento, sendo que este começou como relacionado à culinária e passou a ser usado como filosofia para a vida em geral. O nome "Slow Food" diz tudo - é o oposto de "Fast Food", tanto na qualidade de uma comida não massificada, não feita em grande escala e sim preparada com ingredientes de qualidade e com carinho e expertise, quanto é também uma boa metáfora para a vida: coma devagar, saboreando a qualidade e importância daquela comida e daquele momento, assim como a qualidade e importância da vida e de todos os seus momentos especiais - como ouvir música!

Este primeiro disco é praticamente todo de standards de jazz, de Ellington, Mercer, Gershwin e outros - todos em versões às vezes um pouco 'particulares' do grupo, sendo que chegaram a ser chamadas de "pós-modernas". O segundo disco, *Slow Food*, é mais centrado em grandes obras da MPB. Ambos discos são obrigatórios!

Fruto de sessões de improviso entre amigos músicos, e depois de sucesso nos palcos da noite paulistana, o grupo Nouvelle Cuisine foi fundado 1987 pelo baterista e percussionista paulistano Guga Stroeter - que hoje tem um longo currículo por ter produzido e arranjado música, ou simplesmente tocado com uma infinidade de nomes da música brasileira, como Dorival Caymmi, Ney Matogrosso, Arrigo Barnabé, Paulinho da Viola, Cauby Peixoto, Gilberto Gil, Zizi Possi e João Bosco, entre outros. Stroeter é formado em psicologia pela PUC de São Paulo, mas dedicou sua vida à música e ao estudo dela, como harmonia, improvisação e jazz, atuando também como produtor, arranjador e diretor musical. O grupo é formado por amigos de Stroeter de longa data, como o guitarrista Maurício Tagliari (com mais de 200 discos como produtor musical), o contrabaixista Flávio Mancini, e o clarinetista Luca Raele (que também é pianista, compositor e arranjador, tendo trabalhado com o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, a Orquestra Experimental de Repertório, ►



Nouvelle Cuisine

Mônica Salmaso, Badi Assad, Nelson Ayres, Egberto Gismonti, André Mehmari, entre outros). Luca Raele e Maurício Tagliari são fundadores e diretores do selo de gravação independente YB Music.

A pessoa 'de fora', do grupo, fica por conta do exímio vocalista Carlos Fernando. Nascido em 1959 em São Paulo, o artista plástico Carlos Fernando Nogueira formou-se arquiteto - tendo exercido a profissão tanto antes da formação do Nouvelle Cuisine, como depois de ter se aposentado do mundo da música. Todos os membros do grupo são músicos formados, menos o arquiteto Carlos Fernando - que foi colega de escola de Stroeter no célebre Colégio Equipe, de São Paulo. Ele não era um vocalista profissional - e surpreendeu à todos por aparentemente ter nascido com uma belíssima voz, entonação, pronúncia, e uma capacidade interpretativa que ficará registrada para sempre na Música Brasileira, através do trabalho com o Nouvelle Cuisine, de vários shows solo, de duetos com Marisa Monte e parcerias com Toninho Horta. Carlos Fernando Nogueira faleceu em fevereiro de 2019, em São Paulo.

Gravado nos Estúdios Vice-Versa, em São Paulo, em 1988, esse disco não foi um trabalho simples, e trouxe uma grande equipe sob a direção musical do produtor e arranjador Armando Ferrante, e a

engenharia de gravação de Ricardo Carvalheira. E, além do próprio grupo, vários outros músicos participaram (como o próprio Ferrante no Hammond B3), incluindo percussionistas, naipe de saxofones (com Proveta da Banda Mantiqueira), trombones e trompetes, e uma orquestra de cordas de 16 membros!

Esse primeiro disco do Nouvelle Cuisine (e, justiça seja feita, o segundo disco também) são aqueles que a gente compra mais um, em um sebo, para presentear amigos gringos audiófilos que são melômanos fãs de jazz. Um disco brasileiro que mostramos com orgulho!

Atenção especial deve ser dada às faixas *My Funny Valentine*, e *Lullaby of Birdland*, entre muitas e muitas outras, em um disco para ouvir inteiro, da primeira à última faixa.

Pode ser encontrado em: CD / Vinil / Serviços de Streaming selecionados. O CD e a versão Streaming são apenas audíveis, principalmente se comparados com o vinil. O CD teve uma edição no ano seguinte do lançamento do vinil, e depois uma reedição que juntava, em um só CD, praticamente todas as faixas dos dois discos: este e o segundo, *Slow Food*. O vinil, em sua edição nacional - a única existente - é o objetivo a ser adquirido, e é muito, mas muito bom, quase obrigatório, e pode ser encontrado em preços "de disco nacional" ►

DISCOS DO MÊS

em sebos e na Internet. Uma curiosidade: como acontece com a maioria dos discos, a primeira tiragem, quando o mesmo é lançado, é superior em qualidade de som. Agora, como descobrir quais são as primeiras prensagens, eu não sei dizer, infelizmente. Porém, uma vez comprei um disco desses para um amigo, em um sebo, e a impressão da capa era inferior, e por curiosidade comparei a qualidade dele com a minha cópia, e as diferenças audíveis eram perceptíveis.

Quando estava escrevendo estas mal traçadas linhas, descobri que o Fernando Andrette estava falando, em sua coluna Playlist desta edição, sobre o segundo disco da banda, o Slow Food. Então, anotem, e comprem ambos discos - serão grandes adições à seus acervos. Os preços de ambos, em ótimo estado, no mercado de usados hoje são ridiculamente baixos pela qualidade que será obtida.



OUÇA UM TRECHO DA FAIXA “MY FUNNY VALENTINE” NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Y25PEPRX0EO](https://www.youtube.com/watch?v=Y25PEPRX0EO)

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



Tears For Fears - The Seeds of Love (Fontana, 1989)

Um italiano costumava me dizer que o Diabo não era respeitado por ser Diabo, e sim por ser velho. Excelente ditado, esse. Lembrei-me dele não porque o Tears For Fears não possa ou deva ser

respeitado pelo que é, por mérito próprio - apesar de que são poucos que sabem que eles são, na verdade, bons músicos com boas idéias. Mas sim porque o disco *The Seeds of Love* traz uma série de participações de músicos de altíssimo calibre, que quase nunca a gente ouve falar que se associem com música pop - e eu acho que a viabilização dessas participações se deve bastante ao fato do disco ter saído no ápice, no momento mais sólido da existência desse duo inglês, no final da década 80.

Antes de sair esse disco, eu já era fã do mais famoso disco do Tears For Fears, intitulado *Songs From the Big Chair*, que tinha uma série de faixas que instantaneamente lembrarão todos sobre a existência da banda. Esse disco era um bocado pop eletrônico, que sempre foi o padrão deles, e não chega a me desagradar, mas acabou caindo no âmbito da memória afetiva musical, em vez de ser algo que eu ouça com frequência. Já o disco *The Seeds of Love* também fez um bocado de sucesso, e muitos lembrarão dele, mas já é uma produção feita com bateria acústica, percussão, backing vocals, etc e tal - algo mais complexo e bem mais rico.

Mas só fui ‘descobrir’ que a qualidade gravação desse disco era algo superior uns 15 anos atrás, na era mais recente da audiofilia, quando eu pude pôr minhas mãos em toca-discos e cápsulas de nível mais alto, mais ‘audiófilo’, e em melhores sistemas. É surpreendente, especialmente na versão vinil. É um pop-rock muito bem produzido, pensado, arranjado, e bem gravado, com uma dose bem honesta de compressão e com bastante ambiência. Um disco de qualidade musical inegável!

O guitarrista Roland Orzabal e o baixista Curt Smith se conheceram na adolescência na cidade de Bath, no interior da Inglaterra, na década de 1970 - encontro que levou Smith a aprender o baixo de maneira autodidata, devido ao grande interesse de ambos pela música. Orzabal, que é descendente de espanhol-basco (família Orzabal de la Quintana) teve uma adolescência em contato com as artes. A primeira participação de ambos foi na banda de new wave Neon, da qual faziam parte Pete Byrne e Rob Fisher - que depois se tornaram a banda de new wave inglesa Naked Eyes (que fizeram muito sucesso mundialmente com o hit *Always Something There to Remind Me*, um cover de Burt Bacharach).

O primeiro grupo profissional da dupla foi a banda Graduate, em 1978, que teve vida curta, que também seguia o padrão da new wave, mas com influências de ska. Com a dissolução da Graduate, nasceu o Tears For Fears, em 1981 (que começou com o nome de History of Headaches) já com influências mais sérias como Brian Eno e Talking Heads. O nome “Tears For Fears” (Lágrimas para Medos) foi inspirado no trabalho Terapia Primal, do psicoterapeuta americano Arthur Janov, que se tornou muito conhecido no mundo inteiro

principalmente por ter como paciente o beatle John Lennon (aposto que você não sabia que John Lennon foi um beatle! rs rs rs). Uma curiosidade: quando a dupla já era famosa, eles conheceram Janov pessoalmente, que já tinha adquirido um estilo de promoção quase 'hollywoodiano', e queria que eles escrevessem um musical para ele (!).

O Tears For Fears lançou seu primeiro disco, *The Hurting*, em 1982, em um ambiente onde a new wave - que era muito associada ao uso de sintetizadores - estava se tornando um pleno sucesso mundial. Curt e Orzabal mantiveram seu baixo e sua guitarra, complementados com um baterista e um tecladista. *The Hurting* - assim como o segundo e intensamente bem sucedido álbum *Songs From The Big Chair* - eram carregados de sintetizadores. Quem gosta da música desse gênero específico, dessa época, sabe que poucas vezes os teclados e sintetizadores foram usados de maneira tão criativa e complexa em arranjos musicais como nessa época.

Sendo uma banda que trabalhava e elaborava seus discos, o Tears For Fears somente foi lançar *The Seeds of Love*, seu terceiro disco, em 1989 (o segundo disco saiu em 1985). Com muito sucesso e muita credibilidade nas costas, Orzabal e Smith partiram para

extravagância de mais de "Um Milhão de Libras", que foi este disco, com um grande time de músicos, e trazendo novas influências de jazz, blues, e até dos Beatles - e muito menos teclados - pois Curt e Orzabal estavam achando que o trabalho da banda tinha ficado muito estéril.

Por isso *The Seeds of Love* é, na minha opinião, o melhor disco de música pop de todos os tempos, e um dos mais bem gravados do gênero (junto com o, já publicado aqui, *On Every Street*, do Dire Straits). *The Seeds of Love* foi primeiro lugar nas paradas de sucesso no Reino Unido, e foi 'Top Ten' em inúmeros países, incluindo os EUA, ganhando Disco de Platina em vários deles. Depois dele, a dupla demorou mais de uma década para gravar juntos - mas isso já é outra história.

Após passar meses gravando em vários estúdios, com vários produtores e equipes, o resultado não estava agradando à dupla, estava deixando à desejar - além de vários desentendimentos criativos e quanto ao processo de produção. Isso levou-os a começar tudo de novo e tomar as rédeas eles mesmos. Esse processo todo quase levou os empresários da banda à falência, e certamente levou-os a contrair uma enormidade de dívidas.



Tears For Fears ►

DISCOS DO MÊS

Já na primeira faixa do disco, *Woman in Chains*, parte da bateria é tocada por Phil Collins (do Genesis e de brilhante carreira solo), e parte é tocada pelo baterista francês Manu Katché (que foi baterista da banda do Peter Gabriel, gravou discos solo para o selo de jazz alemão ECM, tocou no melhor disco do guitarrista virtuoso Joe Satriani, etc). A bela cantora negra americana Oleta Adams também encanta o mundo com sua parte dos vocais de *Woman in Chains* (e outras participações no disco). Complementando o trabalho de Collins e Katché, vem o percussionista português Luís Jardim (que já tocou com Eric Clapton, David Gilmour, entre outros). Nada mal para um disco de música pop, apenas o terceiro de uma banda de new wave, não?

No resto de um disco extremamente bem elaborado - e incrivelmente prazeroso de ser ouvido - temos vários músicos de primeiro time, como o baterista de jazz e rock Simon Phillips (que tocou com Toto, Jeff Beck, Gary Moore, Jon Lord, Mike Oldfield, Mike Rutherford, The Who), o baixista Pino Palladino (que tocou com Jeff Beck, The Who, Elton John, David Gilmour, Phil Collins, Eric Clapton, Carly Simon, BB King, J.J. Cale, Paul Simon, Adele), e o trompetista de jazz John Hassell (que tocou com Peter Gabriel, David Sylvian, Holly Cole, Ry Cooder). Uau! Que lista!

Não precisa dizer de novo que é um disco obrigatório.

Destaque para as faixas *Woman in Chains*, e *Standing on the Corner of the Third World*, ambas obras-primas do rock-pop mundial. Este é, também, um disco para ouvir inteiro.

Pode ser encontrado em: CD / Vinil / Serviços de Streaming selecionados. O CD e o streaming não são tão ruins, afinal é uma banda top mundial, então as masterizações e transcrições são decentemente feitas. Claro que o objetivo aqui é ir para o vinil, que existe nacional (excelente, barato e fácil de achar), uma prensagem americana ou europeia (que seria uma opção interessante e não deve ser tão difícil de achar), uma prensagem japonesa (que seria um sonho), ou uma prensagem recente de 180 gramas (que seria um sonho caro).



OUÇA UM TRECHO DE: "STANDING ON THE CORNER OF THE THIRD WORLD", NO YOUTUBE:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?](https://www.youtube.com/watch?v=VTNK_EOOMS)
V=VTNK_EOOMS

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



Tiger Okoshi - Color of Soil (XRCD, 1998)

Nos idos da década passada, quando mercado audiófilo brasileiro estava em brasa, a idéia da perseguição de discos de altíssima qualidade sonora - as tais gravações "audiófilas" - começou a tomar forma. Isso foi bom porque popularizaram-se vários selos audiófilos no mercado, e ruim porque, como já comentamos antes, existe muita coisa de qualidade musical pobre registrada em discos de muitas dessas gravadoras. Lembro-me também de dizer que eu jamais indicaria neste espaço discos que se dedicassem à proliferação de música banal, que fosse "mais do mesmo".

Enfim, Tiger Okoshi gravou quase sempre para um selo altamente audiófilo, o XRCD - criação técnica e propriedade da célebre empresa de áudio japonesa JVC. E o próprio Okoshi, sua música e seus discos, não têm absolutamente nada de banal! E eu estou falando não só do tempero ligeiramente exótico de música, mas também da excelência musical de seus discos.

Como dizia, nos idos da década de 2000 foi quando travei contato com discos do selo japonês XRCD. No caso foi uma coletânea, naquela tradicional capa/caixa que eles usam, igual a um livrinho de capa dura, com generoso encarte (formato que acabou sendo usado por outros selos audiófilos, nos anos subsequentes). Since-ramente eu não lembro de cabeça da cara que tinha a capa da coletânea, ou mesmo quais eram as outras faixas, mas me lembro que tinha duas faixas do Tiger Okoshi, incluindo a minha preferida: *Kagome Kagome*. Na primeira chance de adquirir CDs em importadoras, um dos pedidos foi, claro, o CD completo dele, *Color of Soil*. Uma das grandes compras certas de todos os tempos!

Tiger Okoshi, de quem eu nunca tinha ouvido falar até então, é um dos melhores trompetistas que eu já ouvi em um estilo altamente elaborado de bebop e hard bop, com toques de fusion em alguns trabalhos - principalmente em faixas que homenageiam música folclórica japonesa, por exemplo. Vim a descobrir que ele já havia tocado com uma quantidade de grandes intérpretes de jazz.

Conecte-se à
essência da MÚSICA

SASHA™ DAW



Yvette



Sabrina



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

WILSON
AUDIO

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: (11) 5102.2902 • info@ferraritechnologies.com.br

DISCOS DO MÊS

“Tiger” nasceu Toru Okoshi, em Ashiya, no Japão, no ano do tigre: 1950. Com aptidões artísticas precoces, passou a infância como pintor de quadros, só mudando para a música após ver um concerto de Louis Armstrong, aos 13 anos de idade. Após ter estudado na Universidade de Kwansei Gakuin, Okoshi foi aos EUA em sua lua de mel, e apaixonou-se pelo país. Logo estabeleceu-se em Boston, onde ingressou na conceituadíssima Berklee College of Music, em 1972. E passou a sentar-se perto do rio Charles, que margeia a cidade, e passar horas à fio praticando o trompete, com esperança de ser ouvido e ser chamado a integrar alguma banda. A propaganda boca-a-boca de suas habilidades com o trompete o levou a tocar em 1974 no Carnegie Hall, em Nova York, acompanhando a Mike Gibbs Orchestra, e no ano seguinte acompanhou a Buddy Rich Orchestra em turnê pelo país. Nos anos seguintes foi chamado para dar aulas na escola onde se formou, com honras: Berklee College of Music.

Além de liderar sua própria banda, Tiger's Baku, e acompanhar turnês de numerosos luminas do jazz americano, Okoshi já participou de inúmeros festivais de jazz no mundo inteiro, inclusive o Newport Jazz Festival At Sea, que foi no transatlântico Queen Elizabeth II, em 1998. Já tocou ao vivo, acompanhando Tony Bennett, Gary Burton, Dave Grusin, Pat Metheny, entre outros.

O disco *Color of Soil* é o oitavo dentre nove discos com ele como bandleader - sendo a maioria pelo selo japonês JVC. A banda de apoio do disco traz Jay Anderson no contrabaixo (que já tocou com Gil Evans, Paul Bley, Woody Herman, e muitos outros), Hank Roberts no cello (que já tocou e gravou com Bill Frisell), Kenny Barron no piano (Chet Baker, Dizzie Gillespie, Ron Carter e muitos outros), e o francês Mino Cinelu na percussão (Pat Metheny, Miles Davis e Weather Report). Ou seja, um time de primeira - e eu te garanto que Okoshi está no mesmo nível deles, pelo menos! Entre outras gravações com participação de Tiger Okoshi, estão os discos: *Times Square* de Gary Burton, *NY-LA Dream Orchestra* de Dave Grusin, e *Meditation Suite* de David Liebman.

O disco é gravado com excelência técnica para o selo japonês JVC. Mas, o grande diferencial de seu som vem do uso do sistema XRCD, desenvolvido pela empresa, que processa a gravação no âmbito digital usando algoritmos de dither especialmente desenvolvidos por eles, depois enviando para a prensa de CDs da JVC em Yokohama, onde passa por um processo proprietário de diminuição de jitter. Outros processos exclusivos da JVC são usados para a criação da master física em vidro, em um processo de alta precisão com eliminação de jitter, com o apoio de um clock de rubídio. Todo esse processo garante um dos melhores, se não o melhor CD prensado do mundo, em matéria de qualidade física e sonora.

O destaque especial do disco vai para as faixas *Kagome Kagome*, e para *Grandma's Eyes*, de um grande disco de um grande trompetista.



Tiger Okoshi

Pode ser encontrado em: CD. Infelizmente, a disseminação fora do Japão dos grandes discos produzidos pelo ramo gravadora da célebre JVC, ainda são erráticos, e não tem nem em serviços de streaming - principalmente os que saíram em seu selo audiófilo XRCD. Ou seja, a única opção é o XRCD japonês, cuja qualidade sonora é divina. Mais um disco para a lista dos que deveriam sair em uma boa prensagem em vinil - quem sabe um dia... ■



**OUÇA UM TRECHO DA MAGNÍFICA FAIXA
“KAGOME KAGOME”, NO YOUTUBE: [HTTPS://
WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SVQGASVFXEW](https://www.youtube.com/watch?v=SVQGASVFXEW)**

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



SEU GUIA DE FONES DEFINITIVO



UM FONE GENUINAMENTE HI-END

FONE DE OUVIDO QUAD ERA-1

E MAIS

NOVIDADES DE MERCADO

GRANDES NOVIDADES DAS
PRINCIPAIS MARCAS DO
MERCADO

GUIA DE REFERÊNCIA

CONFIRA TODOS OS FONES
JÁ TESTADOS PELA AVMAG

UMA OPÇÃO INTERESSANTE

FONE DE OUVIDO JBL LIVE 300TWS



APRECIE COM MODERAÇÃO

www.wcjrdesign.com

Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde, 1 bilhão de jovens entre 13 e 32 anos já sofrem de alguma perda auditiva! A Áudio e Vídeo Magazine sempre alertou aos seus leitores, que fones de ouvido devam ser usados com enorme cuidado.

A OMS estabelece que o ideal seja de 40 horas semanais, com pico máximo de volume de 80 db. E para as crianças (de 7 a 15 anos), 35 horas semanais, com 75 db de volume máximo.

A perda de audição é totalmente silenciosa.

Siga essas recomendações e desfrute do prazer de ouvir música em seu fone de ouvido.

UMA CAMPANHA INSTITUCIONAL AUDIOFONE / AVMAG.

AUDIOFONE

SEU GUARDE FONES DEFINITIVO!

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR

EDITORA
AVMAG

ÍNDICE



FONE DE OUVIDO QUAD ERA-1

50

E EDITORIAL 44

A arte de escolher um fone

NOVIDADES 46

Grandes novidades das principais marcas do mercado

TESTES DE ÁUDIO

50

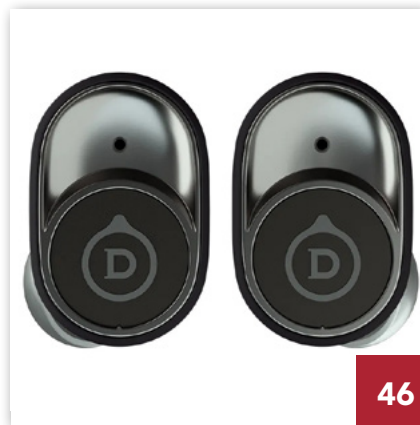
Fone de ouvido Quad Era-1

56

Fone de ouvido
JBL LIVE 300TWS



56



46

RELAÇÃO DE FONES/DACS 64

Relacionamos todos os fones e amplificadores/DACs de fones que já foram publicados na Áudio e Vídeo Magazine



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

A ARTE DE ESCOLHER UM FONE

Ainda que a Audiofone já tenha quase um ano de existência, a principal dúvida dos nossos leitores continua sendo a escolha de um fone que atenda suas expectativas e que sejam seguros. Parece que toda a nossa campanha, desde o primeiro número, falando dos perigos de se escutar acima dos volumes aceitáveis, começa a dar resultado. Então continuar falando sobre o tema não só reforça essa premissa tão crucial para a nossa saúde auditiva, como também pode ajudar nossos leitores que estão nesse momento procurando um novo fone a se posicionar e fazer uma escolha baseada em quesitos essenciais.

Neste mês não irei abordar a questão da importância do CD que disponibilizamos a todos para a avaliação sonora de qualquer fone. Abordarei uma tendência de mercado que me parece tão importante quanto avaliar os quesitos de equilíbrio tonal, timbre, textura, transientes etc. Falarei de como ainda é conflitante, para muitas mídias, abordar a questão da falta de graves em inúmeros fones ou como se coloca excesso de graves em muitos dos produtos à disposição do consumidor. Parece que é oito ou oitenta! E o que o consumidor precisa estar consciente é que nenhuma das suas opções está correta em termos de equilíbrio tonal e, portanto, não podem ser considerados fones de qualidade (vejam que não estou falando em qualidade hi-end). O que significa que eles não servem e nem tão pouco podem ser referência para quem deseja preservar sua audição e não causar fadiga auditiva. É preciso entender definitivamente que, falta ou excesso de graves, sempre leva o usuário a “abusar”

do volume, o que é temerário tanto à curto como à médio prazo (principalmente os jovens, que costumam abusar do tempo de exposição diário recomendado pela Organização Mundial da Saúde). Uma excelente dica para avaliar se o fone pretendido é correto em termos de equilíbrio tonal é testá-lo com o seu celular sem passar um milímetro do volume de segurança (pontos azuis e nunca entrar nos pontos laranjas). Se faltar grave, e você sentir que precisa subir o volume para tentar obtê-lo, esqueça. E se ao contrário, mesmo em volumes seguros, o que predomina são os graves esqueça também!

Agora a boa notícia: diversos fabricantes de fones de qualidade disponibilizam ótimos fones com excelente equilíbrio tonal, nos quais o usuário ouvirá com enorme prazer suas músicas com margem de segurança, e um equilíbrio tonal que apresenta todas as nuances de todas as frequências captadas, mixadas e masterizadas. É a primeira vez que você irá ver eu escrever que um celular deva ser usado na compra de um bom fone de ouvido. Pois sabemos da limitação do DAC interno de um celular, mas como eles agora por lei são obrigados a advertir quando o consumidor abusa do volume, eles se tornaram um grande aliado na luta contra a surdez por excesso de exposição à volumes altos. Então, embora levar seu telefone para a escolha de um novo fone, mesmo que sua intenção seja usá-lo em um bom DAC com uma bom amplificador de fones de ouvido.

Lembre-se sempre: conservar a audição por toda a vida é o mais importante! ■

USE E ABUSE



FAÇA O DOWNLOAD GRATUITO DESTE CD EM NOSSO WEBSITE,
E UTILIZE-O PARA AVALIAR SEU FONE E EM FUTUROS UPGRADES.



AUDIOFONE

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR/CDETESTE4

EDITORA
AMAG



NOVIDADES

DEVIALET ANUNCIA OS FONES INTRA-AURICULARES SEM-FIO GEMINI



Um “Devialet Phantom” com uma grande redução de tamanho.

A empresa de tecnologia de áudio francesa Devialet é conhecida por suas caixas acústicas ativas pouco usuais, e agora está entrando no mercado de áudio portátil pela primeira vez com o lançamento de um novo par de fones de ouvido intra-auriculares wireless. A empresa diz que seus fones Gemini foram desenvolvidos com a “arquitetura de equilíbrio de pressão” para a melhor qualidade sonora.

Os fones Gemini oferecem três níveis de cancelamento de ruído ativo, modos de transparência com dois níveis, e um recurso que adapta a equalização para o seu ouvido em tempo real, para uma qualidade de som consistente quando em movimento. O app Gemini da Devialet irá também escanear o seu ouvido para ajudá-lo a escolher o tamanho certo de ponta para o fone.

O design do intra-auricular lembra bastante da icônicas caixas ativas Phantom da empresa, em uma escala muito menor. A Devialet diz que a bateria dos Gemini devem durar 8 horas com uma carga, ou 6 horas com o cancelamento de ruído ativado, e o case deve prover três carga completas e meia. O Gemini suporta carregamento sem-fio Qi, ou via conexão USB-C.

Os fones de ouvido intra-auriculares Devialet Gemini estão chegando ao mercado, direto com a empresa na França, por 299 euros. E logo estarão disponíveis em lojas de produtos de alta qualidade. ■



Para mais informações:

Devialet

www.devialet.com/en-eu/true-wireless-earbuds/gemini/



Razão e Sensibilidade

GRADO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

NOVIDADES

NOVOS FONES WIRELESS UE FITS SE MOLDAM AO FORMATO DE SUA ORELHA PARA UM ENCAIXE PERFEITO



As pontas dos fones são cheias de gel que endurece quando você aciona a moldagem em seu telefone.

A maioria de nós usa as pontas de silicone que vêm na caixa com nossos fones de ouvido, geralmente um dos tamanhos - pequeno / médio / grande - contribui para uma vedação boa o suficiente para melhorar os graves e aumentar o isolamento de ruído. Saindo disso, você obtém pontas de espuma como as da empresa Comply que se expandem para preencher o canal auditivo para um som de alta qualidade. Mas o auge da audição com fones de ouvido vem quando você tem uma ponta intra-auricular totalmente personalizada que se ajusta perfeitamente aos contornos de sua orelha.

A Ultimate Ears quer oferecer essa opção a mais pessoas - sem obrigá-las a ir ao fonoaudiólogo local para obter um molde auricular. Os novos UE Fits da empresa têm pontas cheias de gel que, por meio de um processo de 60 segundos, iniciado em seu smartphone, vão endurecer permanentemente no formato de suas orelhas.





“Este ajuste personalizado oferece conforto usável sem pressão, dor ou irritação, mesmo após uso prolongado”, disse a empresa. “Os UE Fits também oferecem isolamento de ruído passivo superior, pois as pontas moldadas criam uma vedação natural que bloqueia o ruído ambiente”.

Para mais informações:

Ultimate Ears

<https://custom.ultimateears.com/products/ue-fits>

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

TESTE
1
FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZAPCBDDXUKS](https://www.youtube.com/watch?v=ZAPCBDDXUKS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=_OL58M8IWRS](https://www.youtube.com/watch?v=_OL58M8IWRS)

FONE DE OUVIDO QUAD ERA-1

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Se você, ao ouvir o nome Quad, imagina imediatamente as caixas eletrostáticas deste fabricante, você certamente tem pelo menos uns 40 anos! Pois se você falar em caixas eletrostáticas para as três últimas gerações, certamente eles te olharão com aquele ar de “não entendi” e não estou nem aí.

Já os sessentões, como eu, irão imaginar: “Uau! A Quad resolveu entrar neste concorrido mercado de fones hi-end, levando todo o seu expertise de caixas eletrostáticas para uma linha de fones?”. Negativo! O fone Quad é um design magnético planar e não eletrostático!

Mas antes que você pare de ler este teste, ouça o que tenho a comentar, pois este primeiro fone da Quad é surpreendente em muitos aspectos!

O Quad ERA-1 incorpora um diafragma, ativo eletricamente, ultra fino, conseguindo ser mais fino que um fio de cabelo, porém muito

elástico, envolto em um sistema magnético que aciona este diafragma de maneira muito precisa. Sua construção é simples, se comparada à outros fones hi-end mais caros e com 450 gramas - ele pode (e deve) ser considerado um fone de peso médio.

Eu já escutei fones mais pesados, como os da linha Audeze, e mais leves como da linha Meze e os Grados de entrada, e olhe que sou chato com essa questão de peso, pois fones que apertam a cabeça e são pesados, podem ser a sétima maravilha do universo, que eu não os terei!

O que achei realmente estranho em termos de anatomia, é que mesmo com ele todo fechado, ficou relativamente grande em minha cabeça. Das duas, uma: ou minha cabeça encolheu ou o molde que este fone foi projetado é para cabeças bem maiores que a minha. Não que ele ficasse caindo, mas em movimento fiquei sempre com aquela sensação de que ele poderia sair do lugar. Para cabeças como a minha, o melhor foi ouvir o Quad sentado ou deitado. ►



Tirando esses “pormenores”, ao avaliar a embalagem e os detalhes, percebemos que o fone é muito bem construído com peças de metal, couro nas almofadas, e as peças de plástico existentes não comprometem de maneira alguma a construção do produto. Na embalagem, ainda o usuário encontrará um par de almofadas de veludo, o que me parece ser absolutamente incondizente com este calor escaldante que estamos sentindo neste início de primavera. Mas para as noites frias de um inverno nórdico, podem cair tão bem quanto uma xícara de chocolate quente a os pés de uma lareira.

Outra característica interessante é que o cabo é removível nas duas pontas, e sua bitola é suficiente para suportar o uso do dia a dia. Ele vem com o plug mais fino e menor, para uso direto no celular ou no notebook, e um adaptador de boa qualidade para plug de

3,5 mm. Outro detalhe de boa qualidade é o seu case de plástico injetado, rígido o suficiente para protegê-lo adequadamente de pancadas e quedas leves.

Confesso que minhas expectativas eram mínimas, pois achei que a Quad, ao abrir mão de fazer uso da topologia eletrostática em seu primeiro fone de ouvido, estaria apenas sendo mais uma a competir neste intrincado mercado de inúmeras opções para todos os bolsos e gosto. São nessas situações que temos as melhores surpresas! Pois somos pegos totalmente desprevenidos.

O Quad foi usado no meu celular, e no amplificadores de fone de ouvido do pré de linha Nagra Classic e do Nagra TUBE DAC. Passei tempo suficiente para perceber que será um enorme desperdício usar um fone desse padrão em seu celular. Seja este de que nível for, ►

pois sua sensibilidade é mais baixa que da maioria dos fones mais simples e adequados para uso em celular - apesar de sua baixa impedância - o que fará o usuário aumentar o volume para conseguir o equilíbrio necessário tonal, caindo na armadilha de ouvir mais alto do que o seguro e recomendado pelos profissionais de saúde auditiva. E, convenhamos, não faz o menor sentido você usar um fone de mais de 6 mil reais em um celular!

Mas em um bom amplificador de fone, meu amigo, o ERA-1 é surpreendente. E pode fazer você coçar a cabeça, comparando-o com fones muito mais aclamados de marcas que são a referência deste mercado hi-end de fones.

Seu equilíbrio tonal é excelente, graves corretos sem coloração, fundamentais muito bem definidas e os harmônicos ricos e com excelente corpo.

A região média me lembrou os melhores fones eletrostáticos, como os da Stax, com enorme transparência, porém sem passar do ponto e deixar as audições cansativas ou extremamente explícitas!

Os agudos possuem excelente extensão e decaimento muito suave. Isso, conseqüentemente, permite audições por mais horas e sem fadiga auditiva.

As texturas são muito realistas e com uma capacidade de nos permitir observar nuances de forma muito mais precisas. As audições de música de câmara ou instrumentos solo como: cellos, violinos e pianos, são de uma riqueza que só costumo ouvir com tanta precisão e impacto no Sennheiser HD 800.

O que certamente ajuda na observação desses detalhes tão sutis certamente é o impressionante silêncio de fundo dos amplificadores de fone que utilizei, mas isso só realça o padrão alcançado pelo ERA-1 em termos de equilíbrio tonal e texturas.

Os transientes são também excelentes. Os apaixonados por piano irão se deliciar com a capacidade deste fone responder com precisão velocidade, andamento e ritmo.

Em termos de macrodinâmica sou sempre temeroso em dizer o limite de um fone, pois quanto maior a folga, o usuário mais se sentirá tentado a testar os limites. Para este quesito utilizo somente música clássica e com muita parcimônia. O que o ERA-1 se destaca é nos degraus de passagem do piano para o fortíssimo. Mostrando ter folga suficiente para passar nos testes mais difíceis. O legal é que para você ouvir música clássica neste fone, os volumes podem ser sempre os corretos, e nunca ter que “compensar” com uma “turbina” para ouvir as baixas frequências (muito comum em inúmeros fones baratos, ou não).

A microdinâmica é uma verdadeira “pera doce” para este fone. É possível até mesmo ouvir ruídos e gemidos que jamais havia escutado de inúmeros maestros (que eu imaginei que se contentavam apenas com a gestualidade regencial). E vou dizer uma coisa: são muitos que gemem, rs!

Ainda que não tenhamos o quesito corpo harmônico para fones, achei o tamanho dos instrumentos neste ERA-1 muito coerentes (principalmente em audições de quartetos de cordas ou duo de



instrumentos de sopro). Já em música cantada, temos o mesmo problema de qualquer fone, as vozes são sempre em primeiro plano, mais projetadas e deixam todo o resto em segundo plano. Fique claro que isso é uma questão muito mais de mixagem e não só dos fones. A responsabilidade dos fones é que, como seu corpo harmônico é reduzido em relação a realidade, não há milagre. Vozes irão sempre sobressair (principalmente em música popular).



ESPECIFICAÇÕES

Tipo de driver	Magnético Planar
Impedância	20 Ohms
Sensibilidade	94 dB
Resposta de frequência	10 Hz à 40 kHz
Peso	420 g

A sensação de materialização da música em nossa cabeça, para fones, é muito mais difícil, pois nosso cérebro não se engana assim. Mas quanto melhor o equilíbrio tonal, melhor vai ser o conforto auditivo (em volumes corretos é claro), assim como o prazer auditivo (musicalidade). O equilíbrio geral do ERA-1 permite este conforto em alto grau de prazer e ausência de fadiga.

CONCLUSÃO

O ERA-1 é um fone surpreendente, pois consegue unir inúmeros quesitos buscados por fabricantes de muito maior tempo e renome neste mercado. Para o seu primeiro produto, é impressionante já se situar na linha de frente dos fabricantes de fone hi-end.

O que mostra que toda a sua bela e longa história, desde os primórdios da alta fidelidade, foi de enorme valia para o seu primeiro “cartão de visitas” em fones de ouvido!

Se você busca um fone hi-end, na faixa de 6 mil reais, que possa fazê-lo desfrutar de toda a sua coleção de música, e que o faça esquecer deste mundo cada vez mais desmiolado, escute o ERA-1. Sua relação custo/performance é muito alta para não estar no seu campo de mira!

FONE DE OUVIDO QUAD ERA-1	
Conforto Auditivo	10,0
Ergonomia / Construção	8,0
Equilíbrio Tonal	11,0
Textura	11,0
Transientes	11,0
Dinâmica	10,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	11,0
Total	83,0

[illegible]

KW Hi-Fi
(48) 3236.3385
R\$ 6.700

ESTADO DA ARTE





Novo album piano solo
Dedicado à obra de
Noel Rosa

Já disponível nas
plataformas digitais.

Arquivos originais em
24/96 disponíveis
para venda exclusiva
através do site.

Lançamento
Janeiro 2020

“Foi na noite do dia 19 de outubro de 2019 que este álbum foi integralmente gravado, num só fôlego. Minha vontade foi mesmo criar um som intimista, noturno, aconchegante e lento. Abri o songbook Noel Rosa e comecei a gravar algumas canções, na ordem (alfabética) em que se apresentam. O repertório parecia já saber o que me pedir como pianista. Assim, neste álbum, apresento as musicas na ordem em que as gravei. O que ouvimos aqui é o lume daquela irrepetível noite que me antecipava uma aurora de sonhos e galáxias que dançam ao som de Noel Rosa.”

André Mehmari

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmari.com.br/loja-shop>



ESTÚDIO Monteverdi

TESTE
2
FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SLSPRCZW5WE](https://www.youtube.com/watch?v=SLSPRCZW5WE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Y9MCM4TSQ7Y](https://www.youtube.com/watch?v=Y9MCM4TSQ7Y)

FONE DE OUVIDO

JBL LIVE 300TWS

XX Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A JBL disponibilizou para testes o fone de ouvido Bluetooth modelo Live 300TWS. Trata-se de um fone de ouvido in-ear sem fio, pequeno e discreto, acompanhado de um estojo do tipo casca de ovo que oferece proteção e uma carga extra de bateria. Uma coisa boa neste fone é que você sempre saberá onde os fones estão.

Os drivers de 5,6 mm respondem de 20 Hz à 20 kHz sem fazer feio, pois a amplificação dá conta de suprir bons graves e uma velocidade condizente com a proposta do fone, que não chega a ser modesta - está mais para enxuta. A começar pelo suporte ao Bluetooth 5.0, mas não ao AptX, ele suporta codecs AAC, SBC e possui classificação IPX5 - o que significa que o fone é resistente ao suor e garoa fina, ideal para quem gosta de fazer exercícios ou fazer aquela caminhada em um dia de sol, e no final da tarde cai aquela chuvinha marota. Mas bem que poderia ter a classificação IPX7, totalmente vedado, assim poderíamos "cantar na chuva" sem problemas.

O Live 300TWS está disponível nos acabamentos preto (que está mais para grafite), azul, lavanda e branco, com ponteiros em silicone nos tamanhos PMG. Os comandos do fone são sensíveis ao toque:

basta dar dois toques nas extremidades à frente do fone direito para avançar a música, três toques para trás e irá retroceder a música, para cima ou para baixo para diminuir volume, e um toque longo pausa ou inicia a música. Já no fone esquerdo, um toque longo aciona os comandos para acessar o Google Assistant ou a Alexa. Não é tão simples quanto parece, justamente por conta do tamanho do fone. Ou se tem tamanho ou se tem espaço para manusear os sensores, não é mesmo? Isso exige um pouco mais da memória muscular e um pouco de disciplina, mas é possível se acostumar.

O fone se encaixa perfeitamente na orelha, seu pouco peso bem balanceado contribui para que o fone se mantenha firme na orelha, mesmo em movimentações bruscas, e a bateria dura cerca de 10 horas e mais 14 horas do estojo, enquanto transporta o fone na mochila ou no bolso, já que é super compacto.

Com o aplicativo JBL Headphones é possível ajustar ganho de equalização, modificar a ordem dos botões sensíveis ao toque, e fazer atualização de firmware, além de configurar o acesso ao Google Assistant e à Alexa no fone esquerdo. ►



COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: Sony Walkman NW-A45, Astell & Kern modelo Kann, smartphones Samsung S10 plus e iPhone 8 Plus.

Este é um caso raro em que um fone Bluetooth chega lacrado e, ao colocarmos para tocar, ele toca como os fones que possuem cabos, ou seja: duro e sem extensão. Até achei que seu som seria oitenta por cento desta dureza, mas não. Ele realmente se transforma durante o amaciamento que, pelas minhas contas, durou cerca de 120 horas. Após este período, o fone desabrochou, ganhando extensão nos extremos e uma região média equilibrada e um pouco mais recuada que na primeira audição.

Começamos então com Holly Cole - *It Happened One Night*, faixa 2. A bateria tem bom ataque, o piano tem bom peso e a voz dela não soa agressiva. O conforto auditivo é muito bom, mas falta um pouco mais de médio-grave para ajudar o equilíbrio tonal a se manter nos eixos em gravações ao vivo. Continuamos nas faixas quatro e seis, onde o fone nos mostrou uma micro-dinâmica comportada, sem excessos, e com uma clareza que surpreende pelo tamanho do fone.





Mudamos para Dominique Fils-Aimé, música *Birds*, e aqui tivemos um baixo pulsante e rápido com um pouco do DNA do Everest 150NC. Ele não desce como o Everest, mas as texturas lembram o 150 e isso é muito bom para seu preço.

O Live 300TWS vai muito bem com gêneros musicais como rock, pop e blues. Ouvindo Dua Lipa, por exemplo, as batidas são firmes e rápidas, a voz dela ganha uma atenção especial sem perder os efeitos dramáticos que ela adora colocar nas músicas. Outra voz que fica muito bem no Live 300TWS é a da Rihanna, e também o hip-hop do Eminem, pois estes não se excedem tanto nos graves, fazendo com que todo o resto e principalmente a região média borre ao ponto de perder a inteligibilidade.

O fone foi pensado para ser usado em celulares, tanto que ao utilizar o Astell & Kern o ganho foi bem pouco. O negócio é utilizar smartphones ou DAPs mais comuns, e desfrutar das capacidades do fone, pois ele sofre pouca influência dos dispositivos externos.

CONCLUSÃO

O JBL Live 300TWS é um fone versátil, leve e resistente à água, perfeito para o dia-a-dia, oferece liberdade e proteção ao adicionar mais 14 horas de música com seu case recarregável, além de muito estilo ao passear por aí. É perfeito para os jovens, de corpo e mente. ■

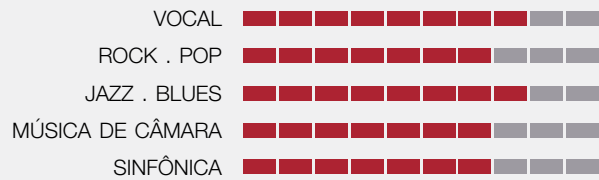


Tipo de bateria	55 mA / 3.7 V DC
Tempo de carregamento (h)	2

Som pulsante e rápido. Mais de 20 horas de diversão com o estojo, além de proteção e uma certeza de onde encontrar os pequeninos fones.

Os controles sensíveis ao toque exigem disciplina em seu manuseio. A bateria poderia durar só um pouco mais.

Conforto Auditivo	6,0
Ergonomia / Construção	6,0
Equilíbrio Tonal	7,0
Textura	7,0
Transientes	7,5
Dinâmica	7,5
Organicidade	7,5
Musicalidade	7,5
Total	56,0



PRATA
RECOMENDADO





TD DR FEICKERT BLACKBIRD



Transrotor ZET-3 NEW VERSION, Prato 70mm KONSTANT EINS,
Regulador de velocidade 33/45 RPM
Braço SME SERIE 5 - Cápsula Bez-Micro LPs



CD MERIDIAM 808 COM TRANSP.NOVO



CX HANSEN EMPEROR
IMPECÁVEL



CAIXA SONUS FABER
STRADIVARI IMPECÁVEL

NOVO ESPAÇO AUDIO CLASSIC

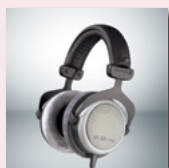
Venha conhecer nossa proposta de te apoiar no hobby que o faz feliz. Estamos completando 18 anos nesta atividade. Esperamos continuar ao seu lado pois acreditamos que a música é a herança que fica como uma mensagem de otimismo e alegria.



Assista aos vídeos e conheça melhor a nossa loja!



RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO BEYERDYNAMIC DT880 PRO

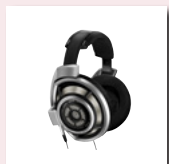
Edição: 167

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Playtech



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD800

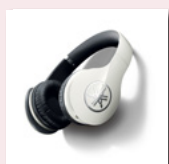
Edição: 175

Nota: 85

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO YAMAHA PRO500

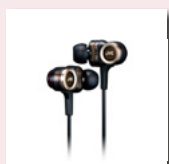
Edição: 190

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Yamaha



OURO REFERÊNCIA

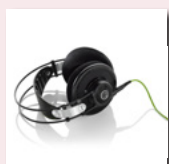


FONE DE OUVIDO JVC FX200

Edição: 192

Nota: Espaço Aberto

Importador/Distribuidor: JVC



FONE DE OUVIDO AKG QUINCY JONES Q701S

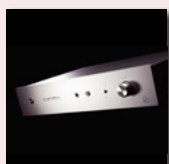
Edição: 193

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Harman Kardon



DIAMANTE REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO LUXMAN P-200

Edição: 194

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



ESTADO DA ARTE



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO LUXMAN DA-100

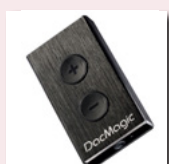
Edição: 200

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



DIAMANTE REFERÊNCIA



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO DACMAGIC XS

Edição: 201

Nota: 70,5

Importador/Distribuidor: Mediagear



OURO REFERÊNCIA



MICROMEGA MYSIC AUDIOPHILE HEADPHONE AMPLIFIER

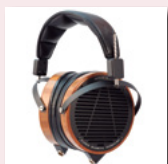
Edição: 202

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Logiplan



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO AUDEZE LCD3

Edição: 204

Nota: 83

Importador/Distribuidor: Ferrari Technologies



ESTADO DA ARTE



DAC E PRÉ DE FONES DE OUVIDO KORG DS-DAC-100 - REPRODUZINDO DSD

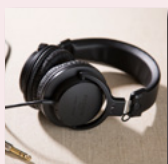
Edição: 205

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO PHONON SMB-02 DS-DAC EDITION

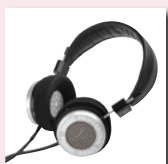
Edição: 206

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO GRADO PS500E

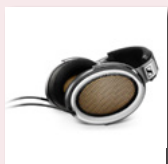
Edição: 210

Nota: 81,25

Importador/Distribuidor: Audiomagia



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HE 1

Edição: 240

Nota: 95

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

Edição: 244

Nota: 86

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC - COMO AMPLIFICADOR FONE DE OUVIDO

Edição: 247

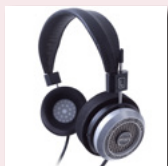
Nota: 85

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO GRADO SR325E

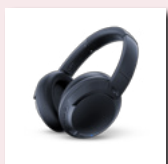
Edição: 258

Nota: 72

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO SONY WH-XB900N

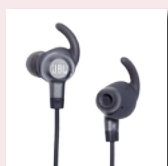
Edição: 258

Nota: 62 / 63

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



HEADPHONE JBL EVEREST ELITE 150NC

Edição: 260

Nota: 58

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO QUAD PA-ONE+

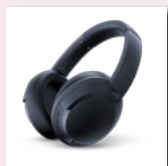
Edição: 260

Nota: 83

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO WIRELESS TCL ELIT400NC (VIA CABO P2)

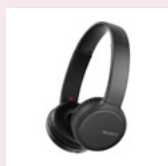
Edição: 260

Nota: 61

Importador/Distribuidor: TCL



PRATA REFERÊNCIA



HEADPHONE SONY WH-CH510

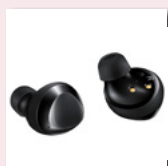
Edição: 261

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SAMSUNG GALAXY BUDS+

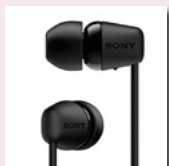
Edição: 261

Nota: 44

Importador/Distribuidor: Samsung



BRONZE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SONY WI-C200

Edição: 262

Nota: 57

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SONY WALKMAN NW-A45

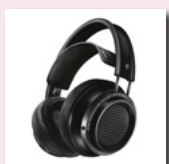
Edição: 262

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO PHILIPS FIDELIO X2HR

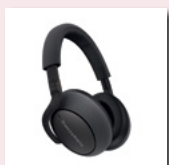
Edição: 263

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Philips



DIAMANTE REFERÊNCIA



HEADPHONE BLUETOOTH COM CANCELAMENTO DE RUÍDO B&W PX7

Edição: 264

Nota: 75,5

Importador/Distribuidor: Som Maior



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH SONY WH-1000 XM3

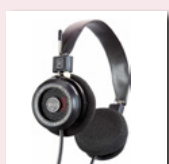
Edição: 265

Nota: 76

Importador/Distribuidor: Sony



DIAMANTE RECOMENDADO



GRADO LABS SR125e PRESTIGE

Edição: 266

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



OURO RECOMENDADO



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256
Sunrise Lab V8 SS - 96 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.259
Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.261
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.263
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.251

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.266
Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.253
Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Gold Note PH-10 - 93 pontos (Estado da Arte) - Living Stereo - Ed.249

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.264
MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252
Nagra Tube DAC - 105 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.262
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Thorens TD 550 - 99 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed.260
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.256
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Dynaudique Audio Apex - 112 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.267
Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte) - Feel Different - Ed.265

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynaudique Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251
Dynaudique Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.



PRÉ-AMPLIFICADOR LEBEN RS28CX



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Confesso que receber um outro pré valvulado japonês, na sequência de minha experiência com o Shindo (leia Teste 1 na edição 265 de agosto), me pareceu um pouco estranho. Porém ao saber que o fundador da Leben, o Sr Taku Hyodo, também ainda hoje presta serviços como free lancer para a Luxman, e um de seus projetos foi justamente o pré CL-38u (leia teste na edição 218) que tanto apreciei, me fez rever a apreensão inicial e topar o desafio - afinal, no mínimo poderia observar o que de diferente tem na assinatura sônica do Leben para o Luxman, já que se trata do mesmo projetista.

O Sr Hyodo também é violonista profissional, e sempre utilizou de seu instrumento para afinar todos os seus projetos. Começou sua carreira profissional justamente trabalhando para a Luxman e, em suas horas vagas, como hobby, começou a desenvolver protótipos para o seu uso e de amigos.

Procurou sempre baratear ao máximo seus projetos, tentando minimizar custos, sem comprometer a performance. Em uma longa

entrevista à Stereo Sound, na virada do século, ele sintetizou sua filosofia da seguinte maneira: “Sempre busquei aliar minhas duas profissões (músico e engenheiro de áudio) buscando atingir um equilíbrio entre musicalidade e design nos meus produtos, para pessoas que amam a música acima de tudo.

Com a procura cada vez mais intensa de seus protótipos, e com o apoio incondicional da família, Hyodo resolveu fundar sua própria empresa de áudio e deu o nome de Leben, que em alemão significa “vida” ou “para viver”. O sucesso dentro do Japão foi tão rápido que logo surgiu um clube batizado de Leben Audio Lovers Club, de proprietários entusiastas que perceberam que agora possuíam sistemas de alta performance, com custos muito menores que as principais marcas audiófilas japonesas.

Para dar conta da demanda cada vez mais intensa, Hyodo planejou desenvolver edições limitadas, que ao término de um componente utilizado, aquele produto sai de linha. Com essa estratégia, ►



os amantes de Leben estão sempre atentos, pois sabem que determinados produtos terão vida apenas enquanto o estoque de peças existir. Esse foi o caso, por exemplo, do integrado Leben CS300X, que se esgotou rapidamente pelo fato de utilizar as válvulas de saída NOS Mullard EL84, e que atualmente encontram-se na mão de colecionadores japoneses e são muito difíceis de achar.

E a coisa se complicou ainda mais quando a Leben foi descoberta fora do Japão, e a procura pelos seus produtos se intensificou ainda mais. Atualmente o Sr Hyodo cresceu o suficiente para administrar sua produção de modo que atenda primeiro o mercado interno e, na medida do possível, o mercado externo. E com as crises mundiais sucessivas, ele vem conseguindo atender ambos mercados bem.

O distribuidor no Brasil, o Fernando Kawabe, tem conseguido fazer um belo trabalho tanto com Shindo como com Leben, afinal ainda que com prazos alongados, ele consegue atender aos seus clientes e também mandar, quando há espaço, produtos para teste.

O pré de linha RS28CX é o modelo top da Leben, e tem recebido inúmeros prêmios internacionais. Além de um pré de linha, também é um excelente pré de phono para cápsulas MM. Projetado com uma fonte externa (justamente para eliminar qualquer ruído espúrio no pré de phono), o Leben foi construído em dois belos gabinetes, com o famoso tom dourado e verde no painel frontal e madeira em suas laterais.

A fonte alimenta o pré por um cabo umbilical com boa metragem, para que a mesma seja colocada o mais distante possível do pré (para o teste o pré ficou em nosso rack principal, e a fonte na última prateleira do rack do sistema analógico, ao lado).

No painel frontal temos, da esquerda para a direita: o seletor de entradas, um segundo seletor de tape monitor (source ou monitor),

depois o botão de volume, balanço e a chave de power. No painel traseiro temos: quatro entradas de linha, todas RCA, e uma entrada phono. Este pré também vem com uma saída fixa e uma saída variável. A variável é para o uso e ajuste de um subwoofer ou para ajustar a saída principal combinando a sensibilidade do pré com o power.

No estágio phono, Hyodo é fã da equalização RIAA valvulada tipo CR, por considerar que o som é mais musical e natural que NFB (Feedback Negativo). O Leben RS28CX está equipado com um equalizador RIAA CR com válvulas NOS General Electric JAN 12AT7, e com componentes de alta qualidade para uma precisão RIAA de +/- 0,3%. E todo o circuito é afinado inteiramente de ouvido.

O pré tem uma tensão de saída muito alta, por meio do tríodo duplo GE 6CG7 (também NOS) regulado por shunt push pull (SRPP), e pode trabalhar com amplificadores de até 80 volts de saída limpa. Segundo o fabricante isso é mais que o dobro da maioria dos pré hi-end, podendo casar perfeitamente com qualquer amplificador de potência, mesmo que a sensibilidade de entrada seja muito baixa.

Sua construção encanta por aquele “ar” de vintage, mas novinho em folha. Tem um apelo de design distinto de um Shindo ou de um Luxman, mas não deixa de ter seu encanto, em minha opinião. Os capacitores utilizados no circuito de pré amplificação são Nichicon eletrolítico e Elna com polipropileno metálico, resistores Riken e um potenciômetro Alps Blue. No bloco de alimentação, junto ao transformador, vemos uma válvula NOS RCA 5Y3WGTA e um sistema de filtragem indutiva, e equalização de estado sólido.

O ganho deste pré pode ir até 25,2dB com uma saída máxima, como já citamos, de 80V. Por isso a necessidade deste pré ter no painel traseiro um potenciômetro para o ajuste de nível adequado de saída para cada amplificador.

As válvulas de estágio de linha são um par de 6CG7 da General Electric. E no estágio phono, um par de 12AT7 também da General Electric. E o ganho do pré de phono é de apenas 20dB, o que limita seu uso para cápsulas MM ou demanda o uso de um transformador externo para acoplar uma cápsula MC de saída baixa. Todas as válvulas estão em um compartimento de metal, para evitar microfonia.

O fabricante pede que o aparelho passe por uma queima inicial de pelo menos 100 horas (eu indicaria de 150 a 180 horas) e pelo menos uma estabilização de temperatura de, ao menos, meia hora (eu diria que o ideal é uma hora).

Para o teste utilizamos praticamente o nosso Sistema de Referência da Cavi, com exceção do cabo XLR Apex, que teve que ser substituído pelos RCA: Sunrise Lab Quintessence, Feel Different FDIII, ou o Dynamique Halo 2. E no setup analógico utilizamos a cápsula Ortofon 2M RED.

Minhas experiências com produtos da Leben, foram muito res-
tritas. Escutei o integrado top de linha, o CS-600, testado pelo co-
laborador Christian Pruks e, na casa de um leitor, os monoblocos
também top de linha, porém com o pré da Luxman e não o Leben.
Se vocês lerem o teste do integrado CS-600 (leia na edição de julho
de 2014) verão que o Christian se rendeu completamente aos seus
encantos sonoros, dando-lhe uma pontuação bem consistente!

Se tivesse que descrever em uma frase a assinatura deste Leben, eu diria que é consistente sem ser exagerada. E quando uso o termo “exagerado”, quero dizer de tender para o lado da eufonia ou, então tentar fugir das características inerentes à toda topologia tradicional valvulada. Ele para mim se encontra no limiar entre essas duas antagônicas vertentes, se mantendo de forma muito bem harmoniosa no centro deste tão tênue e sutil equilíbrio. O que é um enorme mérito para um produto feito com tanto esmero e sem custar a hipoteca da casa, da sogra e daquele cunhado chato!

Gosto de entender o objetivo e o desejo do projetista, e quando consigo entender como ele chegou àquela conclusão e por qual caminho, aprecio ainda mais o que estou ouvindo. Não dá para ouvir um produto da Leben sem lembrar que a ideia inicial, a “semente” de tudo, foi a de oferecer produtos com preços muito mais acessíveis, ou seja, por uma fração dos equipamentos top de linha de outras marcas. Estamos falando de Kondo, Shindo, Luxman e, talvez, mais uma ou duas marcas que predominam no topo do mercado japonês por décadas.

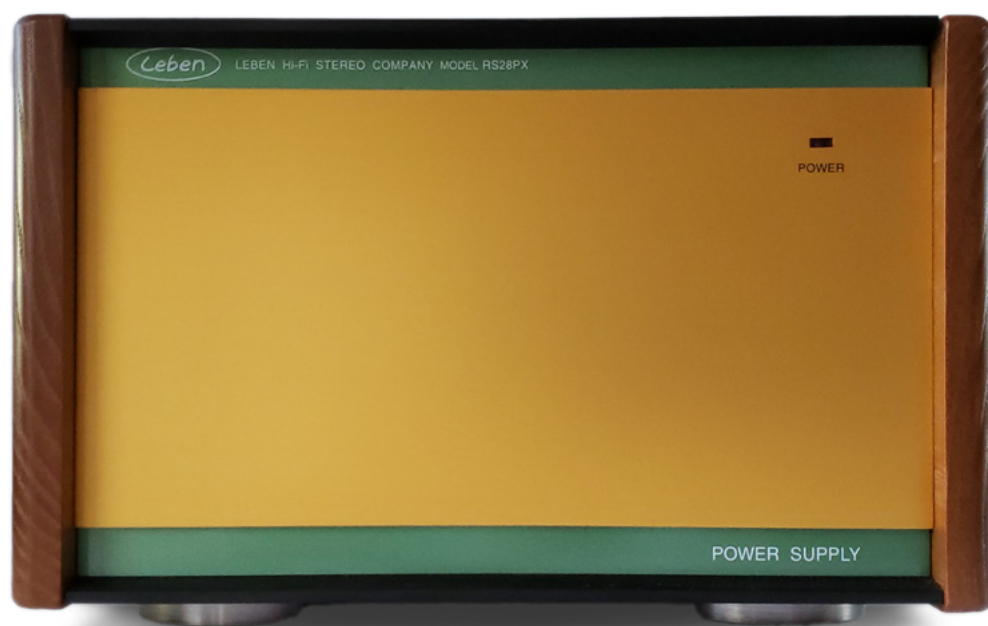
Ouvindo o Leben na sequência do Shindo, que tão profundas impressões me deixaram, me coloca em posição confortável de poder expressar o que, “emocionalmente”, o Leben me passou. Sua apresentação não possui a mesma magia e aquela sensação de ►



Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257



conforto auditivo absoluta, mas ainda assim mantém a “aura” de que o que estamos ouvindo é emocionante e prazeroso. Quando vem à minha mente o que estou tentando escrever, muitas vezes aparecem imagens. E aqui não foi diferente. Sabe aquela sensação de visitar um lugar inebriante por uma segunda vez? O impacto avassalador daquele pôr do sol não é mais magnífico, mas ainda é belo o suficiente para nos deixar pasmos! O Leben é este segundo encontro, com algo que você já conhece e te deixou profundas recordações.

Se tivermos a capacidade de sempre apreciar, abertamente, algo que nos agrada e nos traz conforto, o Leben será exemplar e pode nos dar audições muito comoventes. Agora, se você é aquele tipo de pessoa que só tem como guardar uma impressão avassaladora uma única vez, você terá uma dúzia de adjetivos para “justificar” suas impressões, ainda que elas sejam todas positivas.

O que importa é que ele jamais o deixará indiferente. Pois seus atributos são consistentes e foi feito com um único propósito: deixa



que todos que amam ouvir música reproduzida possam fazê-lo sem gastar o que não se tem, ou não se quer gastar.

Seu equilíbrio tonal é excelente, com graves muito corretos, boa energia e muito precisos. A região média é de uma naturalidade contagiante, principalmente com vozes e instrumentos acústicos. E os agudos possuem muito boa extensão, decaimento suave, corpo e velocidade. Interessante que o seu soundstage, em termos de foco, recorte e planos, é muito similar ao Luxman CL-38u, mas com menor profundidade que este. Ficando também menos próximo, neste quesito, ao Shindo. Mas em termos de largura e altura, é magnífico como os outros dois.

Suas texturas são exuberantes, ombreando com ambos (Luxman e Shindo), paletas e mais paletas de cores, apresentações explícitas de intencionalidade e uma capacidade audível de observar o grau de virtuosidade dos músicos e a qualidade de seus instrumentos.

Os transientes possuem velocidade, ritmo e excelente marcação de tempo.

A macrodinâmica foi uma das gratas surpresas do Leben, provando o que escrevi acima, sobre seu equilíbrio na corda bamba, pois aqui ele se mostrou um pré valvulado moderno como o Audio Research REF6, que testamos (leia teste na edição 243, de agosto de 2018). E a micro, apesar de sua transparência não ser exemplar, não compromete de forma alguma.

O corpo harmônico foi excelente, tanto com CD como com LP. E a materialização física (organicidade) dependeu exclusivamente das gravações tecnicamente perfeitas.

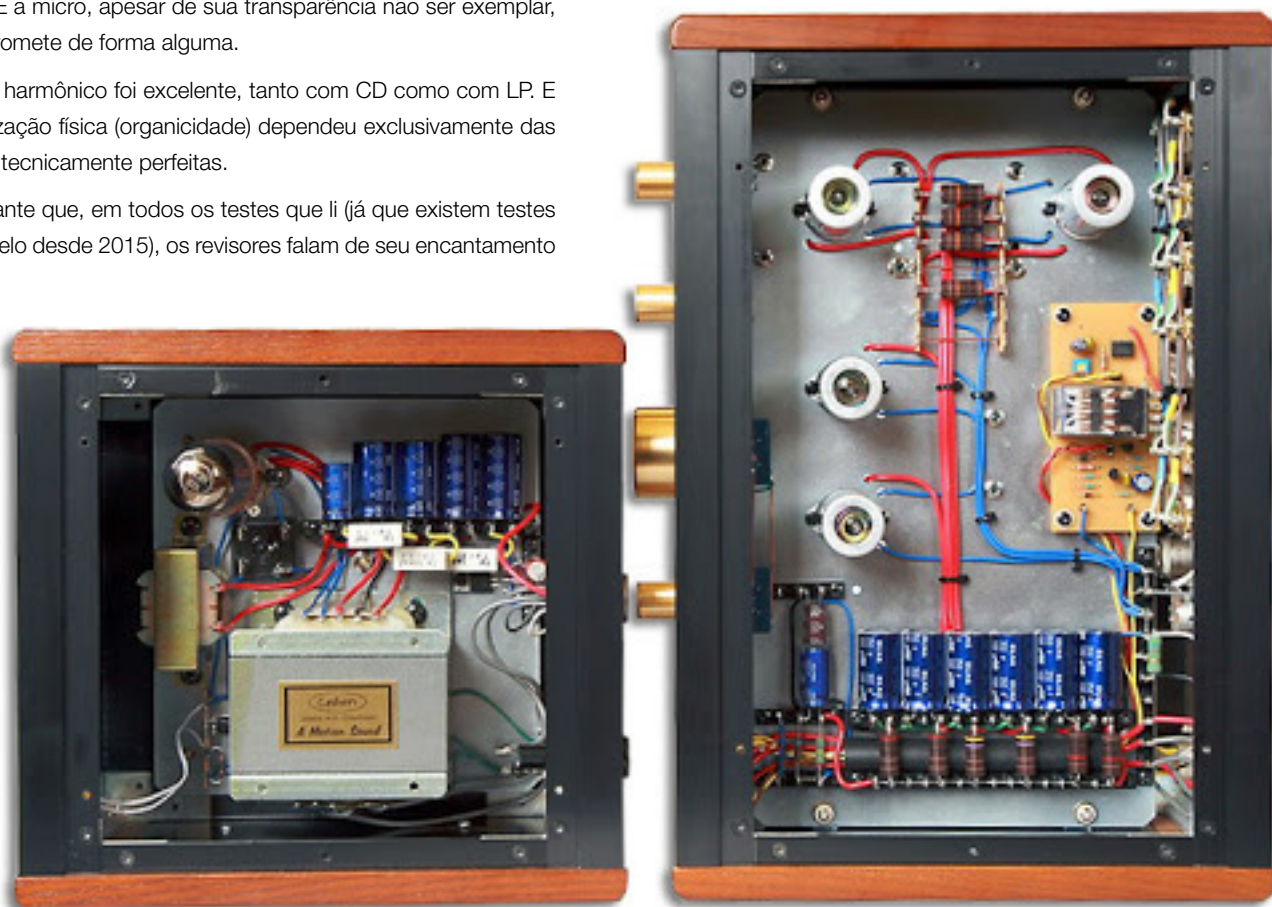
Interessante que, em todos os testes que li (já que existem testes deste modelo desde 2015), os revisores falam de seu encantamento

pelo grau de musicalidade que encontraram neste modelo. Concorro que ele seja muito musical e de uma naturalidade cativante em inúmeros aspectos, no entanto gostei imensamente de um certo grau de neutralidade que ele tem, possibilitando o usuário colocar mais ou menos “tempero”, ao seu gosto.

Como fiz isso? Testando os cabos de força que tinha em mãos (para desespero dos objetivistas, terraplanistas e afins). O cabo que mais deixou a musicalidade “quente e mais sedosa” foi o Sunrise Lab Quintessence. E os que deixaram o som mais neutro foram: Feel Different FDIII e o Transparent PowerLink. Essa possibilidade de poder “lapidar” a assinatura sônica do Leben me pareceu muito interessante.

Eu também pude ter essa maleabilidade na troca de cabos do Shindo, levando-o da eufonia extrema à neutralidade.

Gosto muito dessa possibilidade, pois isso demonstra duas coisas: o quanto aparelhos deste nível são suscetíveis à troca de cabos de força, e como esses podem alterar um componente da água para o vinho (estou ouvindo terraplanistas e objetivistas urrando, ou foi apenas a caçamba de um caminhão despejando areia e pedra aqui em frente de casa?).



CONCLUSÃO

Seja casado com um power da própria Leben, ou com um power de estado sólido de seu nível de performance e compatibilidade, o resultado será um só: prazer em ouvir sua música sem fadiga auditiva alguma. E como isso é tão procurado e tão pouco encontrado ainda hoje!

Uma assinatura sônica correta entre neutralidade e musicalidade.

Falta de um controle remoto.

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	12,5
Total	96,5

[illegible]

Válvulas	<ul style="list-style-type: none">• 2x 6CG7 (G.E.)• 2x 12AT7 (G.E.)• 1x 5Y3WGT
Pré de Phono	<ul style="list-style-type: none">• Ganho: 20.2 dB• Curva RIAA: ± 0.3 dB• Entrada máxima: 400 mV (2 KHz)
Pré de Linha	<ul style="list-style-type: none">• Ganho: 25.2 dB• Saída máx: 80 V (variável e fixa)• Impedância de saída: 580 Ohms• Ruído: 0.03mV
Cabos	<ul style="list-style-type: none">• Cabo AC• Cabo de conexão à fonte
Dimensões (L x A x P)	Gabinete: 352 x 175 x 240 mm Fonte: 233 x 175 x 240 mm
Peso	Gabinete principal: 7.0 Kg Fonte de alimentação: 6.5 Kg

ESTADO DA ARTE



SUA CASA CONECTADA

UP GRADE

AUTOMAÇÃO

REDE

SEGURANÇA

ACÚSTICA

HOME THEATER

ÁUDIO HI-END



VIDEOCONFERÊNCIA


ENERGIA FOTOVOLTAICA


FAÇA UPGRADE NO
SEU SISTEMA COM A
HIFICLUB




ARQUITETURA: PAULO ROBERTO NASCIMENTO

  hifclubautomacao

(31) 2555 1223 

comercial@hifclub.com.br 

www.hifclub.com.br 

R. Padre José de Menezes 11
Luxemburgo - Belo Horizonte - MG 

Empresa do
Grupo Foco BH





CABO DE CAIXA APEX DA DYNAMIQUE AUDIO

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Ser o primeiro a publicar um teste de um novo produto recém lançado, já não traz aquele frio na barriga como anteriormente, pois já tivemos esse privilégio algumas vezes. Mas gosto de saber o que outros revisores de áudio observarão posteriormente a respeito do produto.

De cabeça, não me lembro de nenhuma observação feita que fosse muito diferente das conclusões que cheguei, ainda que o produto testado tenha tido setups completamente distintos dos usados por nós, e salas de dimensões bem variáveis em tamanho e tratamento.

E sabemos o quanto isso pode influenciar nas observações subjetivas de qualquer produto avaliado. No entanto, não deixa de ser uma honra sermos escolhidos para realizar o primeiro teste mundial de um produto, e quanta responsabilidade está envolvida nessa escolha.

No caso do cabo de caixa Apex da Dynamique Audio, certamente o que deve ter pesado nessa escolha foi o fato de já termos testado

os Apex de interconexão e usá-los em nosso setup de Referência. Então, quando o Daniel Hassany, CEO da Dynamique, nos comunicou que nos enviaria o cabo recém lançado para ser avaliado, fiquei muito feliz. Pois poderia avaliar o quanto um set completo de Apex faria pelo sistema, e à que nível poderíamos galgar da tão desejada “neutralidade” que tanto busco para facilitar o nosso trabalho no dia a dia.

Passando na memória os sets de cabos que utilizamos nos 24 anos da revista, de tudo que avaliamos o caminho foi longo e bastante diversificado. Nossos sistemas de Referência utilizaram sets de cabos da: van den Hul, NSB, Kimber Kable, Siltech, Purist Audio, Nordost, Transparent Audio, Crystal Cable, Kubala Sosna, e os nacionais: Timeless, Sax Soul Cables, Sunrise Lab Quintessence, e Logical Design. Esses são os que estiveram por mais tempo com sets completos em nossos sistemas de Referência, e se formos contar os pontuais, entre um transporte e um DAC, ou cabo de braço, essa lista se amplia rapidamente. Todos, sem exceção, sempre ►

contribuíram à sua maneira para o nosso trabalho e o ajuste fino do sistema. E todos sempre “colocaram” sua assinatura sônica ou ajudaram a “moldar” o que necessitava ser moldado para a realização do nosso trabalho.

O que eu quero dizer com “moldar”? É justamente dar ao sistema sua assinatura sônica final. E, no nosso caso, a busca incessante foi sempre, dentre as condições possíveis, alcançar a maior neutralidade possível para o teste de todos os produtos enviados. Essa busca foi permanente, porém muitas vezes frustrante, pois cabos também sofrem de compatibilidade, como todo componente de áudio. E justamente por este motivo é que mantivemos ao longo de nossa história mais de um set de cabos, para tentar contornar esse difícil obstáculo.

De todos os fabricantes de cabos que testamos e tivemos, o que se mostrou mais neutro e com maior compatibilidade, até bem pouco tempo foi sem dúvida os Transparent Cables. Principalmente seus cabos de força e caixa, possibilitando o seu uso em diversos produtos de diferentes níveis. Diria que foram essenciais para a precisão de nossas observações auditivas e fechamento de nota de centenas de produtos testados nos últimos anos.

Mas o ideal é sempre uma meta a ser alcançada, e toda regra sempre tem alguma exceção, não é verdade? E nessas horas, em que você dá de frente com um “entrave”, é que você se pergunta: haverá algum fabricante que deu um passo à frente? Existirá o cabo que consiga um degrau a mais de neutralidade e compatibilidade, que consiga nos ampliar a margem de segurança no momento de fechar as notas dos quesitos da Metodologia? Esses pensamentos logo se dissipavam, afinal a fila não para. Produtos entram e saem para teste, como uma esteira de biscoitos a caminho do ensacamento em uma fábrica.

Dizem que o universo conspira a nosso favor (prefiro pensar que ele assopra aos nossos sentidos através da intuição, o que me parece mais realista), e eis que recebo um e-mail pedindo ajuda para

arrumar um distribuidor no Brasil para os seus “cabos”. Trocamos várias mensagens, ele me enviou alguns testes, contou sua trajetória e enviou para teste sem compromisso um set completo de Halo 2, e seu mais novo produto: o cabo de interconexão Apex.

O resto vocês já conhecem - leram nas edições passadas minhas observações a respeito dos cabos das séries Halo 2, Zenith 2 e Apex interconexão. E também já sabem que usamos atualmente em nosso sistema de Referência dois Apex de interconexão XLR, e os motivos dessa escolha.

O que mais chama a atenção nos cabos da Dynamique das três linhas testadas, é a capacidade de soarem sem impor nenhuma assinatura sônica ao sinal. O que vem da fonte, seja ela digital ou analógica, irá soar sem interferência nenhuma do cabo, tornando-se a ferramenta mais imprescindível há quem testa equipamentos!

E para o usuário, qual a sua função? A mesma que para o articulista, desde que você deseje entender os erros, acertos e elos fracos de seu sistema. Agora, se você ainda usa cabos como “equalizadores”, não terá o menor interesse em ouvi-los ou tê-los.

E o que difere cada série? Apenas o grau de neutralidade. Você não encontrará em um cabo Dynamique uma série que tenha especificamente um padrão sônico diferente da série acima. Ele é uma ponte entre dois pontos, não floreia, não cria artifícios ou impõe algo ao sistema. Para alguns, essa apresentação “nua e crua” pode parecer cruel e sem sal. Mas quem lhe disse que isto é função de um cabo? Quem tem que ser correto antes de tudo é sua eletrônica, sua elétrica e sua acústica.



Em todo o tempo de convivência com os cabos deste fabricante (já são mais de 9 meses), eles nos simplificaram demais o trabalho de avaliação de todos os produtos que chegaram para teste neste período. Vou dar um exemplo: usamos no total 100 faixas entre CDs e LPs para fechamento de nota de cada produto testado. Depois

do produto previamente amaciado, antes de iniciarmos a audição dessas 100 faixas, passávamos dois a três dias buscando o melhor set de cabos com a melhor compatibilidade com o produto e os melhores pares eletrônicos disponíveis naquele momento. Essa etapa de dois a três dias, acabou!



O uso da série Dynamique mais condizente com a performance do produto em teste é o único trabalho que temos, e isso não leva mais do que algumas horas para decidirmos!

Acredito que o amigo leitor agora tenha ideia de minha expectativa em relação à chegada do cabo de caixa Apex, afinal se ele mantivesse todas as características dos de interconexão, seria uma mão na roda sem precedentes!

E finalmente chegou. Em uma manhã de julho fria recebi o pacote com o Apex em uma mala de metal, devidamente protegido. Como estava de saída, só deu tempo de tirar da embalagem, desenrolar o cabo para diminuir o stress mecânico e o deixar tocando na caixa da Q Acoustics em amaciamento (cujo teste sairá na próxima edição).

Simultaneamente com o cabo, recebo uma mensagem do Daniel me passando as especificações dele. Os condutores são 4 x 16 AWG de prata pura (5N) de núcleo sólido, 4 x 18 AWG de ródio sobre prata pura (5N) com núcleo sólido, 4 x 19AWG ouro 24K sobre prata pura (5N) com núcleo sólido, e 2 x 22/3 AWG Pure Silver (5N0 multicore). Bitola: 6AWG por canal com isolamento PTFE Teflon, super espaçado com ar. Construção: Matriz helicoidal contrabalaneada, bitola distribuída em geometria específica. Amortecimento: 2 filtros de ressonância por canal. Terminações: Plug banana de baixa massa Dynamique (Ródio/Ouro/Prata/Cobre), ou terminação em forquilha (Ródio/Ouro/Prata e Cobre, PTFE Teflon).

Junto com as especificações técnicas, o Daniel enviou o seguinte texto: “O nosso cabo Zenith 2 e o Celestial 2 de caixa eram nossas referências absolutas, mas sabíamos que poderíamos oferecer ainda mais otimizando a geometria e, por sua vez, a topologia das bitolas distribuídas internamente. Testamos diversas formulações de condutores diferentes com ouro puro, platina pura, paládio puro, ródio puro e liga de metais nobres, utilizamos até algumas formulações de grafeno, e cada protótipo trouxe pontos fortes, mas também pontos fracos. Decidimos, então, utilizar apenas os metais que se mostraram sinergicamente melhores, e que elevaram ainda mais nosso grande diferencial em relação aos cabos similares da concorrência”.

Acredito que conheça um pouco do método de trabalho do Daniel, pelos diversos e-mails trocados desde que nos conhecemos. E que, até chegar ao resultado final, dezenas de protótipos foram construídos e meses se passaram até definir o caminho a seguir. Pois ele é um perfeccionista nato, capaz de testar uma linha de raciocínio à exaustão, até ter a certeza absoluta que extraiu daquela linha todo o seu potencial.

A grande vantagem do atual estágio em que a Dynamique se encontra é a de já ter estabelecido o “conceito” de neutralidade de forma muito eficaz. Então já existe um “norte” bem definido, o que ajuda a não perder a mão e nem mudar de rumo.

O Daniel também me solicitou que deixasse o cabo no mínimo por 100 horas de amaciamento antes de colocá-lo em avaliação, e que até 200 horas haveriam sutis mudanças.

Nunca escutei o cabo de caixa Zenith 2, só conheço bem o Halo 2, então comparar o Apex com o Halo 2 é meio que covardia. Pois o grau de neutralidade é muito maior. Porém, como as características são idênticas ao Apex de interconexão e o Zenith 2 de interconexão que foi testado recentemente, acredito que alguns parâmetros possam ser avaliados.

Como escrevi, o Zenith 2 está muito mais próximo do Apex do que do Halo 2, então aos interessados por uma cabo de caixa em que seu maior mérito é não alterar o sinal enviado do seu amplificador para a sua caixa, o Zenith 2 certamente terá muito mais a oferecer do que o Halo 2.

Mas não pense que as diferenças são “circunstanciais” ou sutis, pois não são. Com o set todo Apex entre a fonte digital, pré e power e caixa, atingimos um grau de naturalidade e conforto auditivo jamais experimentado em nenhum outro setup de Referência que tivemos! O Apex consegue nos mostrar com exatidão o nível de qualidade de cada componente, nos levando a sensação de música real e não reproduzida eletronicamente, nos levando a confirmar tudo que escrevemos a respeito tanto dos Nagra, quanto das caixas Wilson Audio Sasha DAW.

E quando trocamos o pré da Nagra pelo Leben (leia Teste 1 nesta edição), ficou evidente a assinatura sônica do Leben, com maior eufonia, mostrando em detalhes suas qualidades e defeitos tão “explicitamente” que poderíamos perfeitamente diminuir o número de faixas utilizadas para o fechamento da nota de cada quesito, pela metade.

Dizem que junto com a liberdade, também aumenta a responsabilidade. Nada mais correto, pois à medida em que fomos conhecendo o potencial de um set completo Apex, percebemos que os pequenos detalhes precisam ser revistos periodicamente.

O que são esses pequenos detalhes? Cabos de força, cabos digitais, elos fracos, posicionamento das caixas, etc. É como se o set Apex colocasse tudo sob o campo de visão de um microscópio eletrônico de última geração. Pois seu grau de transparência, silêncio de fundo, corpo harmônico, textura, equilíbrio tonal, será o que a eletrônica em que ele está instalado pode reproduzir. Ele não deleta nada e nem tão pouco acrescenta um fio de cabelo.

O sistema estando condizente com o termo “superlativo”, tudo soará neste nível!

O sistema estando com alguma aresta ou elo fraco muito evidente, não haverá como esconder o problema debaixo do tapete, pois estará presente e audível o tempo todo.

Geralmente o audiófilo nessa situação procura alguma medida paliativa, como usar cabos que “diminuem” o problema, ou até medidas mais drásticas como eliminar aquele disco de suas audições.

Com o Apex, nem uma dessas soluções será possível, pois ele irá pôr o “dedo na ferida” sem dó nem piedade! Simples assim!

No entanto, se você é um audiófilo que está há muito tempo nesta estrada cansado de tantas tentativas infrutíferas, saber que existe um “ferramental” que pode lhe ajudar a detectar elos fracos com precisão e que, depois de corrigidos, seu uso irá lhe proporcionar o maior prazer possível, o que temos a perder? Absolutamente nada!

E para os inteligentes, que aprendem com o erro dos outros, ter um set Apex em um sistema Estado da Arte Superlativo irá valer cada centavo investido!

Nas últimas semanas recebi, por vários motivos, fabricantes nacionais, importadores e amigos de longa data que conhecem quase tão bem meu sistema como eu. Todos, ao escutarem o sistema, disseram que estava soando com uma naturalidade nunca antes tão evidente. Naturalidade foi a palavra mais usada para descrever o “efeito Apex” no sistema, mas o mesmo também foi descrito com outros adjetivos, como: expandido, primoroso, refinado, etc. As observações estão corretas, dentro das condições que ouviram. No entanto, o mais paradoxal dessas conclusões é que o mérito é da eletrônica e do ajuste fino do sistema.

O trabalho dos cabos Apex foi o de não interferir ou colocar “condimento” aonde não há necessidade. E, no entanto, ao focarmos na história dos cabos na audiófilia, quantos fabricantes não chamam para si essa conquista de terem desenvolvidos cabos suficientes neutros para desfrutar apenas da assinatura sônica do sistema? Acredito que todos almejam este mérito, e quantos conseguiram efetivamente? Diria, por experiência, que muitos chegaram muito próximo, no entanto esbarraram em outro problema: compatibilidade.

Sabe quando eu escrevo que musicalidade é a soma de todos os outros sete quesitos? Pois descobri na prática que compatibilidade depende integralmente da neutralidade. Quanto mais neutro, melhor a compatibilidade com diversos produtos, independente da topologia. E aí está o “pulo do gato” da Dynamique: para cada nível de sistema, um cabo compatível e neutro na medida certa.

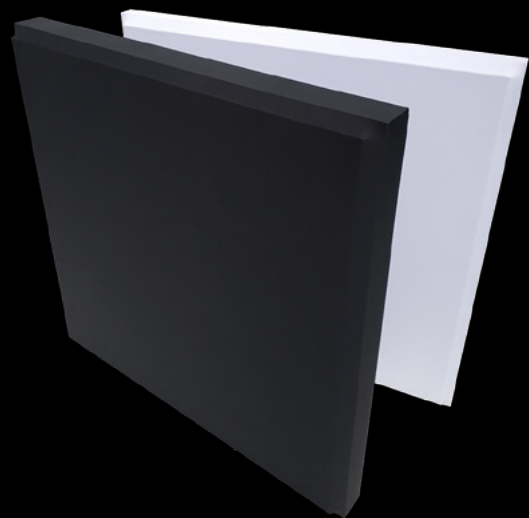
Nos testes que li dos cabos da Dynamique, os revisores falam das melhorias que escutaram em seus sistemas, conforto auditivo, precisão, mas poucos citam a questão da neutralidade (ainda que isso esteja muito bem descrito no site do fabricante, e o Daniel enfatize muito essa características em nossas conversas). Acredito que seja uma questão de tempo para que os revisores entendam o que a Dynamique alcançou.

Como sempre escrevo, existem inúmeras formas de avaliar um produto de áudio, e também existem as expectativas e gosto pessoal do articulista ao escrever suas impressões. Mas, no momento que está “ficha” cair, acredito que a Dynamique irá se estabelecer como a referência das referências neste mercado tão competitivo. Pois o caminho que o Daniel encontrou é extremamente consistente, e abre uma janela para que mais fabricantes de cabo trilhem o caminho da neutralidade.

Afinal, menos é mais. São tantas etapas para o ajuste de um sistema (qualidade elétrica, tratamento acústico, sinergia do sistema, escolha da assinatura sônica) se tirarmos os cabos dessa lista, usando-os apenas para saber se fizemos a “lição de casa” corretamente, será um grande salto no tempo gasto e no dinheiro despendido.



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi experience
www.hifiexperience.com.br

DYNAUDIO



EVOKE

Evoke é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.

Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamentos, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

DISTRIBUIDORA OFICIAL DYNAUDIO NO BRASIL

TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PZRIGQ5AYIW](https://www.youtube.com/watch?v=PZRIGQ5AYIW)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JIWATPQZOG0](https://www.youtube.com/watch?v=JIWATPQZOG0)

PRÉ DE PHONO CAMBRIDGE AUDIO ALVA DUO

 **Juan Lourenço**
revista@clubedoaudio.com.br

Alva Duo é o nome do pré-amplificador de phono da Cambridge Audio. Além de trazer no mesmo gabinete duas entradas, uma para cápsulas MM e outra para cápsulas MC, a Cambridge conseguiu adicionar um amplificador para fone de ouvido poderoso, capaz de empurrar até mesmo fones grandes com baixa sensibilidade.

O Alva Duo traz um pouco do design limpo e elegante da linha Edge, sendo assim seu design é extremamente minimalista e sofisticado. O acabamento é primoroso e a textura ao toque é macia e agradável. Desde a famosa pintura Lunar Grey até os botões brilhantes de liga/desliga e seleção de MM/MC faceados, rentes ao painel, e o knob levemente deslocado para a direita (para quem o olha de frente), e a saída de fones de 6.3 mm, comum em projetos de amplificadores de fone parrudos, tudo dá indícios de que a Cambridge não brincou em serviço. O efeito visual é simplesmente maravilhoso, parece um aparelho de 2 ou 3 mil dólares. Não se espera este nível de sofisticação de design em aparelhos nessa faixa de preço. Geralmente vemos o pretinho básico com chassi de aço texturizado.

O cuidado continua na parte traseira do pequeno Duo, lá temos as entradas RCA MM e MC, além da saída RCA que o conecta a um amplificador, o Duo também possui um controle de ganho para ajudar com cápsulas antigas que já perderam um pouco da eficiência em algum dos canais, esquerdo ou direito.

O Alva Duo segue o padrão RIAA e possui ganho máximo pré fixado em 60 dB (MC). O ajuste MM é de 47 kOhms com 39 dB de ganho, relação sinal/ruído >90 dB em MM, e 70 dB em MC, podendo aceitar cápsulas de 0,3 à 1 mV. O filtro subsônico atua e (-3 dB @12 Hz 6 dB/oitava). O filtro poderia ser desligado, o que seria uma ótima já que dependendo da cápsula, em alguns casos, sem o filtro há ganhos bastante consistentes em timbres, naturalidade e arejamento.

Outro cuidado bacana que a Cambridge tem para com seus clientes é o espelhamento da grafia traseira de seus aparelhos, e no Alva Duo isto faz toda a diferença por conta de seu tamanho, pois as conexões são apertadas e, de cabeça pra baixo, lendo ao contrário, ►

seria dose para leão. Outra coisa interessante no Alva Duo é que ele não usa fonte chaveada externa, ele possui entrada IEC no painel traseiro, o que nos possibilita dar uma temperada em sua sonoridade também com cabeamento de força.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos, ligados ao pré-amplificador de phono Alva Duo. Fontes: toca-discos de vinil Rega P8 com as cápsulas Ortofon 2M Bronze MM, e Ortofon Quintet

Black MC. Cabos de força: Transparent MM2 e Sunrise Lab Illusion MS. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Illusion e Reference RCA. Cabos de caixa: Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Amplificador: Sunrise Lab V8 SS. Caixa acústica: Neat Ultimatum XL6. Fone de ouvido: Sennheiser HD700.

O Cambridge Alva Duo chegou lacrado em sua caixa de papelão reforçada. Após desembalar, já o colocamos na prateleira e ouvimos o disco da Jacintha - *Here's to Ben*, inteiro. De cara gostamos da





musicalidade e das texturas, que eram muito boas para um aparelho ligado há poucos minutos. Desligamos o TD e o deixamos amaciando com o nosso RCA mágico que inverte os ganhos de sinal de phono, possibilitando que o sinal de um CD-Player ou streamer digital seja utilizado como fonte para amaciamento do pré de phono, economizando horas preciosas da cápsula. De tempos em tempos ligávamos o TD para checar a evolução do Alva Duo e, a cada checagem, percebíamos uma melhora significativa em largura e altura de palco, arejamento e timbres - já muito bonitos desde o início.

Algo que não gostei foi do ganho do pré, que poderia ser um pouco mais alto, algo como dois ou dois-e-meio dB a mais, e assim judiar menos do volume do amplificador. O ganho mais baixo tem suas vantagens e a maior delas é não passar para as caixas os ruídos indesejados de rádios amadoras, campos magnéticos e RFI irradiados por cabos de alimentação e aparelhos eletrônicos. Mas não custava aumentar um pouco este ganho e contornar este problema, se houvesse, de outras maneiras.

Após 180 horas, o pré estabilizou e então separamos os discos para audição, começando pelo da Jacintha que tínhamos ouvido nos primeiros minutos do Alva Duo, além de Patricia Barber - *Companion* e *Modern Cool*, Dead Can Dance - *Into the Labyrinth*, e outros.

Primeiro nos concentramos em saber como o Alva Duo lidava com cápsula MM Ortofon 2M Bronze e, após passar todos estes discos citados acima, percebemos que ele consegue extrair uma clareza na região média muito interessante com boa definição de graves e boa extensão na outra ponta do extremo. Sua musicalidade e a capacidade de nos dar uma boa noção de palco ao vivo é uma delícia, sem fadigas ou aquela sensação de que as músicas soam pilhadas. Tudo bem que isto é inerente ao analógico, mas no patamar que ele briga se vê alguns prés indo para o lado da transparência excessiva quase que digitalizando o conforto auditivo do vinil.

Outra coisa boa neste pré é que ele responde bem a cabos de força e interligação. Se o amigo leitor souber exatamente o que busca em termos de sonoridade, não sendo muito exótico, pode extrair um

bom caldo do Duo sem muito esforço. Você pode dar mais luz em cima ou um pouco mais de precisão embaixo sem precisar gastar demais, particularmente prefiro o equilíbrio entre os dois extremos - acho sempre bem-vindo. O que realmente importa é que ele permite que leve a sonoridade para onde quiser desde que não sacrifique o equilíbrio tonal.

Com o Alva Duo o conforto auditivo e o relaxamento estão lá, e com eles vêm uma apresentação mais musical e com mais harmônicos nos brindando com texturas que impressionam muito e nos fazem apreciar a arte.

Em discos como os da Patricia Barber e do Dead Can Dance, que exigem mais da precisão e do foco e recorte e, sobretudo, controle nos graves, o Alva Duo não chega a fazer feio, mas ali ele começa a mostrar suas limitações, sacrificando um pouco do foco e do recorte para nos dar um pouco de controle nos graves. O problema é que se o foco diminui em passagens complexas, e ficamos propensos a voltar nossa atenção para algum instrumento em particular, esquecendo um pouco da música como um todo. Já com a cápsula MC, o foco não fica tão comprometido assim e, de brinde, nos trouxe uma extensão de agudos e texturas que, em MM, não chega lá.

Um ótimo ponto positivo neste pré é ouvir vozes femininas ou masculinas. O nosso famoso voz e violão com Baden Powell ao vivo ficou uma maravilha! É de uma gostosura que não dá vontade de tirar o disco! O Duo se mostrou amigável com prensagens nacionais de anos 70 e 80, tirando um pouco da aspereza e da magreza, extraíndo mais musicalidade de um terreno bem árido.

É interessante ouvir os discos de três maneiras bastante distintas, e poder entender como a Cambridge se balizou para desenvolver o projeto. Ouvir as duas topologias de cápsulas é uma coisa, pois o resultado final depende de muitos outros fatores, como amplificação cabos de caixa e caixa acústica. Já com fone de ouvido a ligação é direta e, deste modo, pudemos ouvir um pré de phono equilibrado, alinhado tonalmente entre as duas cápsulas e sua amplificação. No fone de ouvido Klipsch, mais modesto, a musicalidade fez com que o fone não cansasse tanto após um disco inteiro. A sensibilidade alta

ajudou bastante a vida do amplificador, mas ficava nítido o controle do amp para com o fone. A surpresa veio com o Sennheiser HD 700, pois eu já estava preparando outro fone para audição por receio de o amp não ter fôlego, quando veio a grata surpresa: o Alva Duo deu conta de empurrar o HD 700 numa boa, com bons graves e texturas ricas em harmônicos. A apresentação é bastante musical, ponto alto deste pré, com bom palco e as vozes realmente cativantes, com certeza é um excelente opção para os amantes da dupla fone & vinil.

CONCLUSÃO

A Cambridge fez seu dever de casa, nos deu um pré de phono com excelente custo/benefício, completo e com todas as entradas que podemos sonhar, e sem a terrível fonte externa de telefone. A entrada para fone de ouvido maior mostra que o pequeno Alva Duo não está para brincadeira, e sua musicalidade explícita nos diz que ele leva a música muito à sério.

PONTOS POSITIVOS

Compacto e completo. Cabo de força destacável. Design e funcionalidade em harmonia.

PONTOS NEGATIVOS

Para ficar perfeito tinha que ter um modo de desligar o filtro subsônico.

ESPECIFICAÇÕES	Consumo	10 W
	Suporte a cápsulas	Moving Magnet Moving Coil
	Ganho (@ 1Khz)	MM: 39 dB MC: 60 dB
	Saída nominal	300 mV
	Sensibilidade para saída nominal	MM: 3.35 mV MC: 305 uV
	Ruído de entrada	MM: ~0.09 uV MC: ~0.08 uV
	Precisão da curva RIAA	+/- 0.3 dB 30 Hz-50 Hz
	Relação sinal/ruído	MM: >90 dB MC: >70 dB
	Distorção harmônica	MM: <0.0025% MC: <0.20%
	Impedância de entrada	MM: 47k Ohms MC: 100 Ohms
	Capacitância de entrada	100 pF
	Margem de sobrecarga	>30 dB
	Crosstalk (@ 10 KHz)	MM: >85 dB MC: 75 dB
	Dimensões (L x A x P)	215 x 48 x 159 mm
	Peso	0.95 kg

PRÉ DE PHONO CAMBRIDGE AUDIO ALVA DUO	
Equilíbrio Tonal	9,0
Soundstage	8,0
Textura	9,0
Transientes	8,5
Dinâmica	8,5
Corpo Harmônico	8,0
Organicidade	8,0
Musicalidade	9,0
Total	68,0
VOCAL	
ROCK . POP	
JAZZ . BLUES	
MÚSICA DE CÂMARA	
SINFÔNICA	

Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 3.371

OURO
REFERÊNCIA





O melhor integrado produzido no Brasil

*A Sunrise Lab tem o prazer de
apresentar o V8 SS, o amplifi-
cador nacional com a melhor
relação custo/performance já
avaliado pela AVMAg.*

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



O VINIL NÃO É PARA TODOS

Faz tempo que venho pensando sobre este tema, de que o vinil não é a melhor opção para muitos dos nossos leitores.

E ainda que todos sejamos bombardeados com informações de que o vinil continua crescendo mais de 10% ao ano, e que nunca existiram tantas opções boas e baratas de toca-discos e cápsulas, este é um nicho do mercado hi-end muito específico, e que exige muito conhecimento, paciência e, sobretudo, tempo.

Pois tanto para garimpar discos usados, como mantê-los em bom estado de conservação, sem tempo, será jogar dinheiro fora, que poderia estar sendo investido em upgrades consistentes no sistema digital.

Então, meu primeiro conselho: se você não tem LPs e pretende começar do zero, esqueça! Só pense em se dedicar à um setup analógico se você realmente já tem uma coleção de pelo menos 100 LPs em condições de uso. E que esses discos, em sua esmagadora maioria, você não tenha em outra mídia física.

Também não acredite no que te dizem de que o LP é muito melhor que qualquer outra mídia, a não ser que você escute um sistema analógico bem ajustado e saia convencido que vale a pena se investir nessa mídia.

Aos mais jovens, se façam a seguinte pergunta: consigo conviver numa boa com cliques & plocs sem perder o prazer do que estou escutando? Ou sou daqueles em que o silêncio de fundo na música precisa ser imaculado?

Se todas as questões até aqui levantadas tiverem um sim como resposta, espere que ainda não acabei.

Você irá montar um setup analógico apenas para escutar discos comprados em sebos, ou haverá “verba” para se investir em discos novos?

Terá no meu orçamento folga suficiente para investir nos equipamentos de manutenção dos seus discos como: máquina de lavar, escovas para agulha, etc?

E a última questão, e talvez a mais importante: tem consciência de que um toca-discos mal ajustado não extrairá todo o potencial do investimento?

Já escrevi por diversas vezes que, se for para investir em um toca-discos desses comprados na Amazon, de agulha de cerâmica e braço de baixa massa, que mais parece ser feito de plástico, a única coisa que você conseguirá é destruir todos os seus discos.

E comprar esses toca-discos de entrada de 400 dólares também terá um resultado pífio.

Então, antes de sair achando que o analógico irá ser um prazer absoluto, pense muito bem na canoa em que você estará entrando, para não ser um esforço muito mais repleto de frustrações do que de prazeres.

Um bom sistema analógico, que irá conservar seus discos e lhe dar enorme prazer em todo o investimento feito, custará por volta de 10 mil reais. Isso inclui uma boa bandeja, motor para manter a velocidade correta, um bom braço (mais informações sobre a importância de um braço, leia o Opinião nesta edição) e um cápsula de alto nível. Nesse valor, não está incluso o pré de phono (caso o seu pré de linha ou amplificador integrado já não o tenha embutido).

E o mínimo de 100 LPs em bom estado, para que este investimento seja realmente justificável.

Estou tanto tempo nessa estrada e posso dizer com segurança: o número de audiófilos que conheci que mais se frustraram são os que investiram um caminhão de dinheiro em um setup analógico para, no final, escutar duas dúzias de LPs em bom estado de conservação e ter uma centena de LPs encostados em uma velha prateleira, pegando pó.

No entanto, os que conseguem seguir a risca todos os passos para se extrair o melhor dessa mídia, não abrem mão de ter um sistema análogo de alto nível, pois ele continua sendo exuberante de se ouvir quando muito bem ajustado e com mídias bem conservadas.

Tenho LPs que estão comigo há meio século, que herdei do meu pai e que são plenamente audíveis.

É difícil colocar em palavras as emoções resgatadas nessas audições, quando vamos evoluindo nosso sistema e percebemos detalhes nunca antes ouvidos. Sem falar no 'filme de nossas vidas' que passam nessas audições.

Meu pai dizia que LPs maltratados diziam muito do audiófilo. Eu concordo com ele e sinceramente acho que as novas gerações terão ainda mais dificuldade de os conservar, pois é um hábito que eles não adquiriram com os mais velhos. E, daqui para frente, será pior ainda, já que nem o contato físico com a música existirá mais.

Com tantos obstáculos, não sei se muitos irão querer começar do zero e montar um sistema analógico. Mas, se depois de ver tudo que explicitarei aqui, ainda tiver o interesse de se aventurar, seja bem vindo e conte conosco no que precisar.

Estamos aqui para te ajudar.



XX

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vídeo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

Tarso Calixto

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Juan Lourenço

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Víctor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.instagram.com/wcjrdesign/

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AV MAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AV MAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudioevideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AV MAG



VENDAS E TROCAS

VENDO / TROCO

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas.
Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira). Posso aceitar troca conforme material.
R\$ 9.800.

- DAC Gryphon Kalliope.

Em estado de novo, na caixa. Um dos mais aclamados DACs da Atualidade. Conversão 32bit/384 KHz assíncrono baseado no conversor ESS SABRE ES9018. Conversão DSD e PCM até 32bit/384 KHz. Controle de fase, mute, seleção de entradas e seleção de filtro digital via controle remoto. R\$ 52.000.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



DAC Gryphon Kalliope



VENDO

- Cabo Ágata 2 XLR - 1,2 m.

IMPECÁVEL! R\$ 8.000.

- Par de monoblocos Pass Labs 100.5.

(seminovo). R\$ 50.000 (o par).

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br



VENDO

- Vendo toca disco Storm em excelente estado. Sem braço. Embalagem original. US\$ 10.000

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br




UPSAI, um bom motivo para ficar em casa com proteção, qualidade e diversão



Condicionador de energia ACF 2500S

Melhore a performance de sistemas de áudio e vídeo com a Linha de Condicionadores UPSAI.

Design moderno, tomada USB, circuitos com alta tecnologia de proteção controlados por processadores de última geração, garantem energia na medida certa para o perfeito funcionamento dos aparelhos a ele conectados.

 @upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 - 2606.4100



UPSAI
sistemas de energia